



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Ciências da Educação

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM
BIBLIOTECONOMIA**



MARIA PILAR APONTE

**A informatização das bibliotecas escolares municipais de Florianópolis:
percepção dos estagiários de Biblioteconomia.**

Florianópolis
2013

MARIA PILAR APONTE

**A informatização das bibliotecas escolares municipais de Florianópolis:
percepção dos estagiários de Biblioteconomia.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia. Orientação de: Prof. Francisco das Chagas de Souza.

Florianópolis

2013

Ficha catalográfica elaborada por Maria Eduarda de Mello da Silva, graduanda de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina

A643i Aponte, Maria Pilar

A informatização das bibliotecas escolares municipais de Florianópolis: percepção dos estagiários de Biblioteconomia / Maria Pilar Aponte. -- 2013

82 f.; 30 cm

Orientador: Francisco das Chagas de Souza
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)
– Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2013.

1. Biblioteca Escolar 2. Estágio Extra-Curricular 3. Informatização I. Francisco das Chagas de Souza II. Universidade Federal de Santa Catarina III. Título.

Esta obra é licenciada por uma licença Creative Commons de atribuição, de uso não comercial e de compartilhamento pela mesma licença 2.5

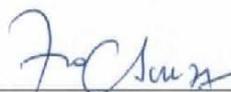


Maria Pilar Aponte

A informatização das bibliotecas escolares municipais de Florianópolis: percepção dos estagiários de Biblioteconomia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, aprovado com nota 9,5.

Florianópolis, 27 de 11 de 2013.



FRANCISCO DAS CHAGAS DE SOUZA – Doutor - UFSC
Professor Orientador



FERNANDA DE SALES – Mestre - UDESC
Membro da Banca Examinadora



ELIANE FIORAVANTE GARCEZ – Mestre - CIASC
Membro da Banca Examinadora

ANA CLÁUDIA PERPÉTUO DE OLIVEIRA DA SILVA-Mestre - UFSC (Suplente)

Dedico este trabalho a meus pais por todo o incentivo aos estudos durante a minha formação pessoal, à minha irmã e sobrinho pelo amor e carinho imensurável, e à minha companheira Adriana, por todo o amor, apoio e paciência durante esta longa, porém muito feliz, etapa de minha vida.

RESUMO

APONTE, Maria Pilar. **A informatização das bibliotecas escolares municipais de Florianópolis**: percepção dos estagiários de Biblioteconomia. 75 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

Esta pesquisa visa analisar as percepções dos estudantes de Biblioteconomia que estagiaram em bibliotecas na Rede Municipal de Educação de Florianópolis e obtiveram contato com o processo de automação destas unidades, apresentando as opiniões expressas dos acadêmicos em relação ao grau satisfatório e insatisfatório acerca das funcionalidades processuais. Com um referencial teórico focado nas reflexões de autores que basearam seus estudos nos fenômenos sociais, buscou-se compreender as representações sociais existentes nas expressões dos participantes. O caráter da pesquisa deu-se através de método qualitativo, com a finalidade de compreender os aspectos sociais existentes nas opiniões obtidas. A coleta de dados concretizou-se através de entrevista, composta por questões abertas que buscaram exprimir estas informações dos respondentes. A técnica do Discurso do Sujeito Coletivo foi adotada para a análise dos dados obtidos mediante entrevista, com a finalidade de organizar estes discursos e transformá-los em um discurso único e representativo, que figurasse a opinião geral dos entrevistados. Os resultados apontam para as diferenças existentes entre as unidades de informação conhecidas pelos participantes, demonstrando a ausência de um padrão que nivele todas as unidades da Rede à mesma etapa do processo, tornando-o mais ágil e, conseqüentemente, mais útil. Os discursos evidenciaram, ainda, a diferença existente entre a teoria técnica do curso de Biblioteconomia e as práticas da mesma, decorrentes das adversidades existentes na rotina do profissional bibliotecário, adversidades estas que foram constatadas através da experiência do estágio curricular.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar, Estágio Curricular; Informatização.

RESUMEN

APONTE, Maria Pilar. **La informatización de las bibliotecas escolares municipales de Florianópolis: percepción de pasantes de Bibliotecología.** 75 f. Monografía (Graduación en Bibliotecología) – Universidad Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

Este estudio pretende analizar las percepciones de los estudiantes de Bibliotecología que trabajaron como pasantes en bibliotecas de la Red Municipal de Educación de Florianópolis y obtuvieron contacto con el proceso de automatización de estas unidades, presentando las opiniones expresadas de los académicos en relación al grado satisfactorio e insatisfactorio acerca de las funcionalidades procesuales. Con un referencial teórico focado en las reflexiones de autores que basaron sus estudios en los fenómenos sociales, se buscó comprender las representaciones sociales existentes en las expresiones de los participantes. El carácter del estudio se dio por el método cualitativo, con la finalidad de comprender los aspectos sociales existentes en las opiniones obtenidas. La colecta de datos se concretizó a través de una entrevista, compuesta por cuestiones abiertas que buscaron sacar estas informaciones de los respondientes. La técnica del Discurso del Sujeto Colectivo fue adoptada para el análisis de los datos obtenidos mediante entrevista, con la finalidad de organizar estos discursos y transformarlos en un discurso único y representativo, en que figurara la opinión general de los entrevistados. Los resultados apuntan a las diferencias existentes entre las unidades de información conocidas por los participantes, demostrando la ausencia de un padrón que nivele a todas las unidades de la Red a una misma etapa del proceso, tornándolo más ágil y, consecuentemente, más útil. Los discursos evidenciaron, todavía, la diferencia existente entre la teoría técnica del curso de Bibliotecología y las prácticas de la misma, decorrentes de las adversidades existentes en la rutina del profesional bibliotecario, adversidades estas que fueron constatadas a través de la experiencia de pasantía.

Palabras-clave: Biblioteca Escolar, Pasantías; Informatización.

ABSTRACT

APONTE, Maria Pilar. **The computerization of Florianópolis municipal school libraries: the perception of Librarianship's trainees.** 75 p. Monografy (Graduatio em Biblioteconomia) – Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

This research intends to analyze the perceptions of the Librarianship's students that worked as trainees at libraries belonging to Florianópolis Municipal Education Web and had contact with the automation processes of such unities. The goal is to gather their opinions about how satisfying or unsatisfying the process functions are. With a theoretical referential focus on the views of authors that based their studies on social behaviors, it was of utmost importance to understand the social representations expressed in each participant's expressions. The research was performed using the Qualitative Method, aiming for understanding of the social aspects found in the various given opinions. The data collection was obtained via interviews, composed by open questions that were specifically meant to obtain said opinions from the subjects who were interviewed. The Collective Subject Discourse (CSD) was utilized for the analysis of the data that was obtained, with the end result of organizing each interview and modeling the information into a single representative speech that displayed the overall main opinions of each participating individual. The results of the study pointed to existing differences between the information known by each individual student, showing a lack of pattern that could level all participating units. The research will help allow the Web to function as a whole, which the intended result being a more agile and consequently more useful process that's improved overall. The discourse also brought to light the existing differences between the technical theory of the Librarianship course and the practical techniques that it utilizes; adversities that were proven through the Curricular experience as a whole.

Key words: School library; Curricular training; Computerization.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Ancoragem

CBEC- Coordenadoria de Bibliotecas Escolares e Comunitárias

CIN – Departamento de Ciência da Informação

CPD – Centro de Processamento de Dados

DEBEC – Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias

DSC – Discurso do Sujeito Coletivo

EBM – Escola Básica Municipal

ECH – Expressões-Chave

IAD – Instrumento de Análise de Discurso

IAD 1 – Instrumento de Análise de Discurso 1

IAD 2 – Instrumento de Análise de Discurso 2

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IC – Idéias Centrais

MEC – Ministério da Educação

NEI – Núcleo de Educação Infantil

SME – Secretaria Municipal da Educação

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL | 13 |
| 2.1 FLORIANÓPOLIS | 13 |
| 2.2 BIBLIOTECA ESCOLAR | 16 |
| 2.3 REDE MUNICIPAL DE ENSINO, BIBLIOTECAS ESCOLARES DA REDE E SUA INFORMATIZAÇÃO | 17 |
| 2.4 AVANÇO DOS SUPORTES DE INFORMAÇÃO | 20 |
| 3 REFERENCIAL TEÓRICO | 25 |
| 3.1 A LINGUAGEM E O CONHECIMENTO NA VIDA COTIDIANA | 30 |
| 3.2 A SOCIEDADE COMO REALIDADE OBJETIVA | 30 |
| 3.2.1 Institucionalização | 31 |
| a) Organismo e atividade | 31 |
| b) As origens da institucionalização | 32 |
| c) Sedimentação e tradição..... | 32 |
| d) Papéis..... | 33 |
| e) Extensão e modo de institucionalização | 33 |
| 3.2.2 Legitimação | 34 |
| 3.3 A SOCIEDADE COMO REALIDADE SUBJETIVA | 34 |
| 3.3.1 A interiorização e a estrutura social | 35 |
| 3.3.2 Teorias sobre identidade | 35 |
| 3.3.3 Organismos e identidade | 36 |
| 4 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA | 37 |
| 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 40 |
| 5.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA | 43 |
| 5.2 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS | 44 |
| 5.3 COLETA DE DADOS DEFINITIVOS..... | 45 |
| 5.4 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DISCURSOS..... | 46 |
| 6 RESULTADOS | 47 |
| 6.1 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DOS ESTAGIÁRIOS..... | 47 |

| | |
|--|-----------|
| 6.2 INTERPRETAÇÃO DO DSC | 48 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 52 |
| REFERÊNCIAS | 54 |
| | |
| APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido | 57 |
| APÊNDICE B – Roteiro da entrevista | 59 |
| APÊNDICE C – Transcrição das entrevistas na íntegra | 60 |
| APÊNDICE D – Discursos obtidos e seu tratamento..... | 68 |

INTRODUÇÃO

A relevância da Biblioteca dentro de um ambiente escolar é imensurável. Em cidades menos desenvolvidas economicamente, estas unidades de informação vem a ser um dos elos existentes entre estudantes e o mundo informacional. Além de ser importante na mediação entre as novidades mundiais e pessoas que possuem acesso a poucas fontes de informação, as bibliotecas são meios educativos cuja finalidade é dar todo o apoio pedagógico necessário na evolução do ensino e aprendizagem.

Embora ainda não tenham alcançado um nível de consideração à altura de seu valor, desde o seu surgimento, é inquestionável a importância destas unidades no processo educacional de crianças e adolescentes dentro de qualquer instituição de ensino.

Durante os últimos séculos, estas organizações concretizaram o elo entre estudantes e a informação através de suportes físicos e com o avanço dos suportes e dos processos da informação esta relação tende a se intensificar. A explosão dos avanços tecnológicos informacionais e de comunicação que se consolidaram à nossa frente nos últimos anos, representa o momento oportuno para que estas unidades se adequem a todas estas novidades, para que possam seguir ampliando este vínculo com seus usuários.

A escolha do tema para minha pesquisa surgiu aproximadamente há dois anos, isto é, em 2011, quando iniciei um estágio não obrigatório na rede municipal de ensino de Florianópolis. Três meses depois da minha entrada na Biblioteca Escolar da EBM Paulo Fontes, iniciou-se o processo de informatização nesta unidade.

O avanço dos suportes e processos de informação e comunicação torna de suma importância para que as unidades de informação adotem iniciativas com a finalidade de acompanhar este avanço que vem se consolidando cada vez mais ao redor do mundo. Um dos primeiros passos a se dar para elevar uma biblioteca ao nível básico da tecnologia é o processo de informatização da mesma, processo este que depende diretamente da avaliação das necessidades da unidade e da escolha adequada do *software* para o gerenciamento de suas atividades.

Naturalmente, os bibliotecários atuantes nessas organizações precisam formar uma noção da necessidade informacional, que é o ponto de partida da implementação de um sistema automatizado nas unidades de informação.

Quando o estagiário chega a um ambiente que já dispõe desse recurso, ele passa a ser integrado às tarefas ali executadas e vai desenvolver as práticas de aprendizagem que apropriadamente vão reforçar o que já assimilou teoricamente em seu curso de graduação.

Ao me envolver com tarefas inerentes à informatização das bibliotecas das escolas da Rede Municipal de ensino de Florianópolis pude perceber que várias questões são geradas nesse processo. Assim, quando chegou o momento da definição de meu projeto de TCC decidi que seria uma oportunidade de tentar aprofundar certos aspectos que me chamaram a atenção. Nessa busca me fixei no tema aqui proposto e tracei um caminho de pesquisa visando responder aos objetivos que a seguir exponho.

Para o desenvolvimento da pesquisa proposta, foram traçados os seguintes objetivos:

- Conhecer o pensamento expresso pelos estudantes de Biblioteconomia que estagiaram na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis acerca do processo de informatização, através de suas experiências com o mesmo.
- Caracterizar a Rede Municipal de Ensino e de suas Bibliotecas Escolares;
- Traçar o perfil dos estudantes do Curso de Biblioteconomia que estagiaram nesta Rede entre o primeiro semestre de 2011 e o primeiro semestre de 2013;
- Detectar as percepções que estes estudantes obtiveram através do contato com o processo de informatização desta Rede.

2 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL

O cerne desta pesquisa encontra-se na captura e interpretação das percepções que os estudantes de Biblioteconomia expressam quando são chamados a se manifestar sobre a experiência cotidiana que vivenciaram em unidades bibliotecárias instaladas nas escolas da Rede Municipal de Educação de Florianópolis. Em particular, o foco mais significativo vincula-se ao resgate das representações que eles constroem sobre o processo de informatização de bibliotecas escolares à época em que cumpriram os seus estágios.

A seguir farei uma breve contextualização da cidade de Florianópolis, por ser o município no qual a Rede de Bibliotecas Escolares estudada está inserida.

2.1 FLORIANÓPOLIS

Embora muitos considerem como marco inicial de civilização nesta cidade a chegada de Francisco Dias Velho, é muito importante lembrar que anteriormente à sua chegada já existiam indícios de povoamento na região. A Fundação Franklin Cascaes (1993) apresenta uma breve síntese a respeito destas primeiras povoações num texto em que afirma:

Uma cronologia sintética sobre as populações que habitaram a Ilha de Santa Catarina antes da sua ocupação pelos europeus pode ser a que segue: por volta de 3000 a.C., iniciou-se o povoamento da região por grupos humanos que eram ou se tornaram pescadores e coletores de moluscos, além de, secundariamente, praticarem a caça; mais ou menos no ano 1000 da nossa era, tais grupos foram substituídos por populações que conheciam a cerâmica e eram, possivelmente, praticantes de uma incipiente agricultura; em torno de 1400, a Ilha é ocupada por Tupis-Guaranis, havendo indicações de que, durante certo tempo, tenha havido a coexistência destes com as populações que os precederam. (FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES, 1993, p. 10-11).

Do momento em que se constata a presença dos índios Tupis-Guaranis até a chegada de Dias Velho, existem registros de diversas embarcações que visitaram a Ilha de Santa Catarina. Os navegantes eram na sua grande maioria espanhóis, dentre os quais existiram nomes mais conhecidos do que os outros, e, inclusive, houve uma primeira denominação de território, conforme a Fundação Franklin Cascaes. (1993, p. 16):

É o caso de Nuno Manoel e Cristóvão de Haro que, comandando uma expedição comercial portuguesa, passaram pela Ilha e, segundo algumas

fontes, denominaram-na Ilha dos Patos [...] A paternidade desta denominação é também atribuída a Juan Dias de Solis, que por aqui passou em 1516.

Em 1526, Sebastião Caboto permanece por um período de quatro meses na Ilha dos Patos e passa a chamá-la de Ilha de Santa Catarina.

Outros nomes muito citados nos registros históricos são os de Cristovão Jacques, Diego Garcia e Gonzalo da Costa, Rui Moschero, Alonso Cabrera, Juan de Salazar e Espinoza e D. Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca.

Após muitos anos de rápidas ocupações, Francisco Dias Velho chega a Ilha de Santa Catarina e dá início a um assentamento, fundando a cidade de Nossa Senhora do Desterro, aproximadamente em 1675. Vindo da capitania de São Vicente localizada no Sudeste, no atual estado de São Paulo, e “trazendo a maior parte de sua fazenda e toda sua família”, também trouxe “filhos, agregados e flechas”. (CABRAL, 1979, p. 17).

Além de familiares e agregados, a povoação de Dias Velho contava também com escravos, totalizando um número aproximado a 400 pessoas. Durante a época em que esteve na Ilha, o paulista construiu uma igreja situada no mesmo local onde se encontra nos dias de hoje a Catedral Metropolitana de Florianópolis. Em seguida iniciou-se a construção de uma vila, com a edificação de casas, início de plantios de mandioca e cana-de-açúcar e a realização de pesca.

Após doze anos de sua chegada, Dias Velho “aprisiona um navio corsário que fundeara na enseada de Canasvieiras para reparo”. A embarcação é enviada a São Vicente, seus tripulantes são liberados e “dois anos depois, fazem uma excursão de vingança à Ilha de Santa Catarina”, fato que resulta na morte do fundador de Desterro. (FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES, 1993, p. 19).

Em 23 de março de 1726, o povoamento de Desterro é elevado à categoria de Vila e se dá início a um desenvolvimento sem precedentes, que ganha impulso através de projetos militares, pesca de baleias e colonizações açorianas.

Os projetos militares promovem a construção de fortes em Desterro, e em 1748 desembarcam na Ilha “461 pessoas, formando 88 “*cazaes*” vindos do Arquipélago dos Açores”. Após a chegada destes, registrou-se a entrada de “cerca de 6.000 açorianos e madeirenses que emigraram para o Desterro, entre esta data e 1756”. O processo de adaptação vivenciado pelos Açorianos foi extremamente complexo, pois “sua

tradicional cultura do trigo não se adequou ao clima da região”, e as características do solo o tornavam quase que infértil. Os açorianos foram obrigados a se adaptar às condições encontradas na Ilha e “acabaram por ter no cultivo da mandioca, desconhecida nos Açores, a atividade básica”, além de ter “o preparo da farinha” como “a principal fonte de renda”. (FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES, 1993, p. 24-25).

De acordo com a Fundação Franklin Cascaes (1993, p. 28) em 1777 a Ilha sofreu uma invasão espanhola, comandada por Dom Pedro de Zeballos. Tal invasão concretizou-se sem que os espanhóis dessem um tiro sequer. Devido a problemas administrativos, que resultavam na demora de tomadas de providências, a Ilha foi conquistada pelos rivais da Corte Portuguesa. Com o Tratado de Santo Ildefonso, o poder é retomado pelos portugueses.

Nos séculos que se seguiram, Nossa Senhora do Desterro tornou-se a capital da Província de Santa Catarina e em 1894, após um certo número de acontecimentos históricos, segundo a Fundação Franklin Cascaes (1993, p. 35), a “Assembleia Legislativa homenageia Floriano [...], substituindo por Florianópolis o nome da cidade do Desterro”.

No século seguinte, Florianópolis passou por inúmeras transformações. O número de construções civis aumentou consideravelmente, veio a implantação da energia elétrica, rede de esgotos, sistema de água e em 1926 inaugurou-se a Ponte Hercílio Luz, provendo a ligação por terra entre a Ilha e o continente.

Nos dias de hoje, Florianópolis possui um índice de qualidade de vida considerado elevado. Embora não possua um turismo muito planejado, é uma cidade que, economicamente, depende bastante das atividades turísticas. Muito procurada por suas belezas únicas, mapeamentos recentes mostraram que possui aproximadamente 100 praias, e não 42 como se acreditou por muito tempo. A população da cidade é constituída por 427.298 habitantes, segundo estimativa do IBGE de 2011.

A cidade conta com uma Rede Municipal de Ensino coordenada pela Secretária Municipal de Educação, cujo tempo de atuação é recente na história do município. Esta Rede Municipal possui um corpo de Bibliotecas Escolares e Comunitárias administradas por um órgão central de Bibliotecas, o Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias – DEBEC.

2.2 BIBLIOTECA ESCOLAR

O âmbito escolar de ensino fundamental é guiado por bases e diretrizes cujas finalidades objetivam suprir as necessidades educacionais de seus estudantes para que estes desenvolvam a capacidade de inserção na sociedade, estando aptos para exercer a sua cidadania e ocupar um lugar no mercado de trabalho. A biblioteca, como parte integrante de uma unidade escolar, deve oferecer os recursos necessários para que se concretize o processo de ensino/aprendizagem. Segundo Campello et al. (2001, p. 72):

“a aprendizagem é fortemente baseada na biblioteca, que é considerada não só como apoio às atividades ligadas à leitura, mas como espaço de busca de informação e como influência modelizadora para que os alunos desenvolvam habilidades de usar informação, habilidades que irão capacitá-los para aprender de maneira independente e contínua.”

As três responsabilidades básicas da educação em uma sociedade democrática são: preparar o estudante para o mercado de trabalho, para exercer a cidadania e para a vida cotidiana. Portanto, é imprescindível que os objetivos de uma biblioteca escolar residam na participação ativa do complexo processo educacional. Dias (2003, p. 13), observa que as bibliotecas escolares devem possuir algumas características principais, tais como:

“[...] desenvolver o interesse do usuário pela leitura, apresentando um ambiente agradável, estimulador e atraente, promovendo atividades que chamem a atenção do estudante, ajudando-o a valorizar a leitura e a informação, e sendo sempre um complemento às disciplinas e um suporte à pesquisa bibliográfica. A biblioteca escolar deve servir de base para que o estudante seja um usuário contínuo da informação, respeitando os documentos e valorizando a informação, tanto no presente quanto no futuro.”

Uma biblioteca escolar comprometida com o apoio ao processo educacional através de uma gestão que elabore políticas e projetos que destaquem a unidade de informação como parte pulsante da escola é fundamental para o aprendizado. Campello et al. (2001, p. 13) aponta para o resultado de uma pesquisa:

“[...] realizada pela Universidade de Denver, nos Estados Unidos, mostrou que estudantes de escolas que mantêm bons programas de bibliotecas aprendem mais e obtêm melhores resultados em testes padronizados do que alunos de escolas com bibliotecas deficientes.

[...] a influência da biblioteca apresentou-se de forma clara e consistente: um bom programa de biblioteca, contando com profissional especializado, equipe de apoio treinada, acervo atualizado e constituído por diversos tipos de materiais informacionais, computadores conectados em rede e interligando os recursos da biblioteca às salas de aula e aos laboratórios resultou no melhor aproveitamento escolar dos estudantes, independentemente das características sociais e econômicas da comunidade onde a escola estivesse localizada.”

Nas bibliotecas escolares que constituem o DEBEC existem, atualmente, três tipos de profissionais: o profissional Bibliotecário, o profissional readaptado e o estagiário.

O profissional Bibliotecário é formado por graduação de Biblioteconomia e exerce seu papel na Rede Municipal de Ensino através de concurso público. O profissional readaptado é remanejado de algum outro setor escolar, devido a problemas de saúde ou de convivência, e passa a auxiliar nas atividades das bibliotecas, ou assume, indevidamente, o papel do Bibliotecário. O estagiário exerce seu papel de extensão de sua graduação, auxiliando o profissional responsável nas atividades da biblioteca escolar.

O estágio curricular é considerado de caráter educativo, desenvolvido em ambiente de trabalho supervisionado por um profissional da área, e deve constar nos planos pedagógicos do curso de graduação, constituindo uma parte essencial para o desenvolvimento do estudante em graduação.

A finalidade do estágio curricular é permitir que o graduando adquira competências profissionais de sua área, desenvolvendo as aptidões necessárias para exercer a sua função no mercado de trabalho após a conclusão da graduação.

2.3 REDE MUNICIPAL DE ENSINO, BIBLIOTECAS ESCOLARES DA REDE E SUA INFORMATIAÇÃO

Administrativamente, o município de Florianópolis dispõe de uma estrutura relativamente complexa. Dentre os órgãos componentes do poder executivo, há uma Secretaria Municipal da Educação. Trata-se de um órgão relativamente recente, pois a gestão das questões educacionais do município até dezembro de 1985 fazia parte de uma estrutura mais ampla, a Secretaria de Educação, Saúde e Desenvolvimento Social.

O desmembramento ocorreu no dia 27 de dezembro de 1985, através da Lei nº 2.350, dando surgimento a um Cargo de Secretário Municipal de Educação, um Cargo de Assessor Técnico e um Cargo de Secretária do Secretário. Após sua criação, todos os órgãos vinculados de alguma forma à Educação foram transferidos e agregados a mesma. Num primeiro momento, a Rede Municipal de Educação contava com 28 (vinte e oito) Unidades Educativas, sendo, Escolas Básicas, Retiradas e Isoladas, 14 (quatorze) Núcleos de Educação Infantil – NEI e 04 (quatro) Creches.

A Secretaria Municipal da Educação de Florianópolis, segundo a própria página informativa na Internet (<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/>), tem como missão “promover educação de qualidade que contribua para o exercício pleno da cidadania, estabelecendo relações democráticas e participativas”, e como visão “ser referência nacional no Ensino Público”. (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2013)

Anteriormente a estas mudanças de secretarias, no dia 02 de março de 1984, um ofício foi encaminhado à Secretaria do Ensino de 1º e 2º grau do Ministério da Educação e Cultura (MEC) por parte do então Chefe de Gabinete da Secretaria Municipal da Educação, Saúde e Desenvolvimento, Onofre Santo Agostini, solicitando a implementação das Bibliotecas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. No mesmo ano em que foi feita a solicitação, instituiu-se o Sistema de Bibliotecas Públicas e Escolares de Florianópolis.

Alguns anos mais adiante, em 1988, criou-se uma Divisão de Bibliotecas Escolares e Comunitárias. A função deste setor é de organizar todas as ações referentes à Rede de Bibliotecas, desde o planejamento à assessoria destas ações. Foi através desta divisão, também, que os bibliotecários e seus auxiliares passaram a receber uma formação continuada, através de palestras, oficinas, cursos e eventos.

No dia 04 de julho de 2002, a Divisão de Bibliotecas passou a chamar-se Coordenadoria de Bibliotecas Escolares e Comunitárias - CBEC. Atualmente, o nome deste departamento é Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias – DEBEC - e é constituído por 37 bibliotecas localizadas em Unidades Escolares, e uma biblioteca Central localizada no centro de Florianópolis. Todas as bibliotecas são escolares e comunitárias, atendendo a todas as respectivas comunidades locais.

A gestão atual do DEBEC tem a sala da chefia localizada na Biblioteca Central. O departamento é chefiado por Walesca Regina B. C. de Francischi, profissional da área das Artes, e o processo de informatização da rede está sob a responsabilidade da bibliotecária Liliana Oliveira Granemann Rosa.

O DEBEC conta com um quadro técnico que envolve em 2013 um total de 39 servidores técnico administrativos. Destes, 34 são bibliotecários. Além de pessoal próprio, o DEBEC contrata estagiários da área de Biblioteconomia. Atualmente existe apenas 1 estagiário de biblioteconomia contratado pelo DEBEC. Em suas tarefas como estagiários estão incluídas atividades relacionadas à inserção de obras no sistema Pergamum, dentre essas se incluem ações que, direta ou indiretamente, envolvem práticas informatizadas como: classificar e catalogar o acervo ao inseri-lo no sistema, elaborar a preparação técnica do acervo após esta inserção e reorganização do espaço físico da biblioteca de acordo com as áreas do conhecimento. Por meio dessas práticas, o estagiário tem contato com o processo de informatização.

A informatização de uma biblioteca é a adaptação das atividades administrativas destas unidades às tecnologias digitais. A Rede Municipal de Bibliotecas Escolares passou por uma tentativa de implementação do sistema WinISIS no ano de 2004. Este primeiro *software* não atendeu às necessidades das unidades de informação, pois não comporta a importação do formato USMARC, que vem a ser um padrão internacional de catalogação.

Um ano mais tarde, em 2005, através de recursos da Prefeitura Municipal de Florianópolis, adquiriu-se o sistema Pergamum (versão 6.0), com a finalidade de concretizar a informatização que até então não fora levada à frente. Este programa exige algumas configurações de *hardware* que não faziam parte do maquinário já existente nas bibliotecas, então foi necessário solicitar a aquisição de novos computadores que atendessem alguns requisitos técnicos de arquitetura e configuração tais como o Banco SQL Server/ Sybase e banco Oracle.

O programa Pergamum foi eleito por ser referência no gerenciamento de serviços de bibliotecas. Este *software* administra todo o processamento técnico do acervo, toda a parte de circulação de materiais, de consulta e recuperação da informação, além de estar conectado à Internet e oferecer um controle gerencial de listas

de aquisição, recebimento de materiais, sugestões, reclamações, etc. É um sistema muito simples de ser utilizado, necessitando apenas de um rápido curso de apresentação.

O início da implementação deu-se a partir de reuniões envolvendo todo o corpo de bibliotecários da Rede Municipal:

Em primeiro momento, no fim de 2005, realizou-se uma reunião com todos os Bibliotecários, a fim de repassar informações sobre o software adquirido e definir uma comissão que participasse da formação juntamente com a equipe do Pergamum, uma vez que, a formação deve ser um processo contínuo no profissional dentro de uma instituição. Também seria atribuída a essa comissão, a responsabilidade de discutir e tomar decisões acerca do planejamento e organização da informatização das Bibliotecas da SME, sendo orientada pela CBEC. Foi formada, então, por 10 bibliotecários e 2 estagiárias do curso de Biblioteconomia que atuavam na Biblioteca da SME. (ALVES; SILVA; VIAPIANA, 2008, p. 216).

É muito importante que o processo de implementação envolva todos os bibliotecários que trabalham na Rede, pois é uma decisão muito séria a ser tomada e que não pode ficar sob a responsabilidade de um pequeno grupo apenas.

Após este primeiro passo, solicitou-se no ano seguinte que o Centro de Processamento de Dados - CPD, desse início à instalação do Pergamum nos computadores das bibliotecas da Rede. Como a instalação era feita por assistência remota e a Internet possuía um desempenho baixo, este processo foi prejudicado mais uma vez.

Em 2007, a responsabilidade da instalação do *software* passou a ser do próprio CBEC, através das orientações dadas pelo CPD e pelo curso de especialização do Pergamum. No ano de 2012, todas as unidades de informação da Rede Municipal já se encontravam com o Pergamum instalado e em processo de informatização.

2.4 AVANÇO DOS SUPORTES DE INFORMAÇÃO

Embora exista uma ideia de que o avanço dos suportes da informação teve início no século passado, este processo vem se dando na história da humanidade desde as primeiras civilizações.

Desde os primeiros registros referentes à escrita até a atualidade, pode-se constatar que todo tipo de material já foi utilizado com a finalidade de preservar a informação. Conforme Martins (1998, p. 59):

O homem já empregou, e continua empregando, na escrita materiais provenientes dos três reinos da natureza. O reino mineral já lhe forneceu a pedra em que, segundo o Velho Testamento, foi gravada a primeira lei dos hebreus, revelada no Monte Sinai; forneceu igualmente o mármore, utilizado nas inscrições tumulares e cívicas, e até em calendários, como o que foi descoberto nas ruínas da Pompéia; forneceu, ainda a argila que, esculpida e cozida, iria constituir as famosas bibliotecas da Mesopotâmia.

Além dos materiais citados, podemos listar ainda no campo de materiais extraídos do reino mineral, as tábuas de bronze, as tábuas de chumbo, o ouro e a prata. Todos estes materiais foram deixados para trás por alguns séculos, com exceção das placas em monumentos, placas de sinalização, etc. por seu difícil manuseio, pelo espaço ocupado ao se guardar materiais deste tipo e, principalmente, pelas novas alternativas que foram surgindo no decorrer dos anos.

O reino vegetal, que ainda hoje nos fornece o papel, também foi explorado com a finalidade de suporte para a escrita pelos egípcios e, posteriormente, pelos romanos, que para este fim utilizavam tábuas de madeira. Segundo Martins (1998, p. 60), estas tábuas eram muito mais fáceis de ser utilizadas do que as tábuas minerais, pois:

Recobertas ou não de uma leve camada de cera, sobre a qual se escrevia com estilete, elas serviam para os mais variados fins: correspondência, cadernos de estudos, contas, anotações, e ofereciam a vantagem de servir indefinidamente, quando encerradas, bastando raspar a cera e substituí-la por outra. [escrita].

Ainda no campo dos produtos vegetais empregados na escrita, encontramos o Papiro, que é considerado um dos suportes mais importantes na história da comunicação escrita. Assim como todos os suportes citados anteriormente, o Papiro também não serviu apenas para a escrita. Afirma Melo (1979, p. 85) que:

O papiro, antes de ser utilizado no fabrico de papel, serviu de alimento para as povoações pobres vizinhas das margens do rio Nilo. Das fibras das raízes faziam-se cordas muito resistentes usadas nas embarcações. Dele se obtinha uma apreciada bebida, feita depois de cozinhar-se as raízes, e conhecida como *suco de papiro açucarado*. Também servia para tecidos (de suas raízes) para roupas de pessoas pobres, e a fabricação de sandálias, e até de canoas, feitas com o caule trançado da planta.

A utilização do Papiro deu-se no Egito, há aproximadamente 35 ou 40 séculos

a.C., e este tipo de papel possuía dez variações que diferiam na sua qualidade, sendo eles: o Papiro Hierático, o Papiro Augusto ou Real, o Papiro Lívio, o Papiro Claudiano, o Papiro Fênio, o Papiro Antiteátrico, o Papiro Taniótico, o Papiro Saítico, o Papiro Corneliano e o Papiro Emparético.

Posteriormente veio a utilização de matéria do Reino Animal para a escrita com o surgimento do Pergaminho. Criado devido a conflitos entre Alexandria e Pérgamo, pela proibição da exportação de Papiro da primeira para a segunda cidade por rivalidade entre as Bibliotecas de ambas, o Pergaminho era feito a partir da pele de carneiro. Devido ao seu preço elevado, surgiu o *palimpsesto*, explicado por Martins (1998, p. 67):

[...] manuscritos em que o texto foi raspado, a fim de servir novamente para a escrita (palimpsesto significa “raspado de novo”). Pensou-se durante muito tempo que esse hábito resultava das intenções piedosas dos monges copistas, que apagavam textos pagãos para inscrever em lugar deles orações e meditações religiosas. Mas verificou-se posteriormente que não só o palimpsesto existe desde a mais remota antiguidade, como ainda inúmeras orações e trechos religiosos tinham sido raspados em benefício da literatura profana.

Ao contrário do Papiro, descobriu-se que no Pergaminho se poderia escrever na frente e no verso. Este fato somado ao de que a escrita era realizada apenas na horizontal, deu origem ao Codex, considerado o antepassado imediato do livro. A substituição dos rolos de escrita pelo Codex vem com a Idade Média, época em que o alto custo do Pergaminho faz com que se faça uso integral de sua folha devido a diminuição de letras e a substituição da escrita por abreviações.

O suporte posterior aos já citados é considerado por Martins (1998, p. 111) como “o personagem mais importante, o mais imperialista e dominador” na história da escrita: o papel. O autor afirma ainda que, embora seu nome tenha origem etimológica no nome Papiro, este não é seu derivado e sim seu sucessor vitorioso.

Aproximadamente em 213 a.C., os chineses já fabricavam livros em papel extraído da seda, e foi em 121 d.C. que o chinês Ts'aiLun iniciou o processo que resultou no papel de celulose. Mesmo sem imaginar qual seria o resultado, Ts'aiLun começou a somar outros materiais à seda no processo de fabricação de papel, e foi através da adição de cascas de plantas, resíduos de algodão e redes de pescas usadas, que o chinês chegou ao papel conhecido atualmente.

A introdução do papel na Europa e, conseqüentemente, no resto do Ocidente, deu-se com o estabelecimento de uma fábrica de papel na Espanha em 1144. Mais de um século depois, em 1276, foi criado o “moinho de papel”, e posteriormente a fabricação de papel em grande escala. A fabricação manual do papel se deu até o fim do século XVIII, quando no ano de 1798 foi criada a primeira máquina de fazer papel. Martins (1998, p. 115) faz uma relação das mudanças ocorridas nesta época em todos os âmbitos da sociedade:

A primeira máquina de fazer papel data 1798, dois anos antes do fim do século XVIII. E notem a singularidade: como o papel aparece na Europa para encerrar um período histórico, permitindo a substituição da Idade Média pela Renascença, a máquina de papel aparece, da mesma forma, para encerrar outro período histórico, permitindo a substituição da monarquia absoluta pelos sistemas democráticos de governo.

O que o autor quer dizer com estas afirmações, é que os rumos seguidos pela humanidade teriam sido completamente diferentes sem a existência do papel. Movimentos com o Renascentista, as Revoluções como a Francesa e a Industrial, dificilmente se dariam sem a existência do papel. É com a Revolução Industrial que se desencadeia todo um processo de industrialização na Europa, que pode ser considerado o berço da era tecnológica.

A industrialização da sociedade tem início no século XVIII e pode ser dividida em três etapas, conforme apontam Santos e Carvalho (2009, p. 45):

A Primeira Revolução Industrial, com início no século XVIII, teve como ponto central a invenção do motor à vapor em 1769. As máquinas à vapor passaram a substituir o trabalho humano com mais velocidade e desempenho, conduzindo os meios de produção e dando origem às primeiras indústrias. A Segunda, a partir da metade do século XIX, teve a eletricidade como inovação, afetando os meios de produção e criando meios de comunicação à distância. Já a Terceira Revolução Industrial, abriu caminho para o nascimento da sociedade da informação, devido a sua dependência da tecnologia e da ciência.

Grandes mudanças nos suportes informacionais ocorreram a partir da “Terceira Revolução”, aproximadamente na metade do século XX. A sociedade mergulha num processo irreversível de digitalização mundial, dando início a uma Era Informacional completamente diferente de tudo que se conheceu na história da humanidade. Com o surgimento da Internet, as formas de armazenamento da informação dão um salto gigantesco na direção da digitalização da informação já existente, e dando vida à informação de origem eletrônica, ou seja, processada a partir de máquinas digitais.

Entre o final do século XX e início do século XXI houve uma aceleração muito maior neste avanço de tecnologias, seja no campo de tecnologias de informação, seja no campo de tecnologias de comunicação. Atualmente, além de contarmos com os suportes tradicionais (livros, periódicos, rádio, televisão), temos a comunicação e a informação ao alcance das mãos, através da Internet, telefones móveis conectados à rede, livros digitais (*e-books*), etc. e os avanços continuam. O que nos reserva o futuro?

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Considerando o objeto de estudo que escolhi, encontrei um ambiente integrado por pessoas que exercem papéis profissionais. Estes profissionais, além de serem indivíduos, são membros de uma sociedade e fazem parte deste coletivo. Por isso, têm um mundo em que se situam e no qual interagem. Por serem produto de uma socialização, interiorizaram, isto é, subjetivaram noções sobre a vida e quando exprimem-se sobre os fatos vividos objetivam, em forma de discurso, suas ideias.

A seguir demonstrarei que estas ideias fazem parte de uma escolha teórica que fiz para a realização do estudo aqui apresentado e são relevantes para que eu possa mais tarde explicar a metodologia empregada nesta pesquisa e compreender o fenômeno, através da análise dos resultados obtidos.

Como indivíduos habitantes do Planeta Terra, formamos um grupo de pessoas que, juntos, damos significado à palavra Sociedade. Ora, mas se somos a principal parte da engrenagem que faz com que esta sociedade continue girando, o mais correto seria dominarmos o seu real significado. Contudo, esta questão é muito pouco levantada entre a maioria das pessoas no seu dia-a-dia, e é com esta pequena crítica que Elias (1994, p. 13) dá início à sua obra *A Sociedade dos Indivíduos*, na qual faz diversas análises acerca da sociedade:

Todos sabem o que se pretende dizer quando se usa a palavra “sociedade”, ou pelo menos todos pensam saber. A palavra é passada de uma pessoa para outra como uma moeda cujo valor fosse conhecido e cujo conteúdo já não precisasse ser testado. Quando uma pessoa diz “sociedade” e a outra escuta, elas se entendem sem dificuldade. Mas será que realmente nos entendemos?

Apesar de o significado de sociedade parecer algo muito simples de ser respondido, como o de dizer que a sociedade é um grupo de pessoas, a resposta para esta indagação é algo muito mais complexo e detalhado. Antes de qualquer coisa, precisamos levar em consideração que um grupo de pessoas nunca será igual a nenhum outro grupo de pessoas do planeta. Muito acima das vontades dos integrantes de cada grupo, as diferenças residem na realidade que os cerca, ou seja, um grupo difere do

outro devido à cultura na qual está inserido, à sua realidade social, à época na qual existe ou existiu, etc.

O sistema econômico que predomina nas sociedades atuais é o capitalismo, e neste tipo de sistema as empresas privadas são responsáveis pela maior parte da geração de riquezas, pela sua administração e pelos seus trabalhadores. Todas as decisões referentes à valores de mercado, oferta, demanda, distribuição, etc. ficam fora do alcance do Estado.

Neste tipo de sociedade, todos os esforços individuais, desde os mais simples, possuem o objetivo de gerar riqueza. Os indivíduos têm a obrigação de estudar após o fim da primeira infância, por uma finalidade instituída que é a de formar pessoas com aptidões para trabalhar e gerar riquezas para o mercado. Existe também, segundo Elias (1994, p. 17), uma necessidade de se manter uma ordem:

Na vida social de hoje, somos incessantemente confrontados pela questão de se e como é possível criar uma ordem social que permita uma melhor harmonização entre as necessidades e inclinações pessoais dos indivíduos, de um lado, e, de outro, as exigências feitas a cada indivíduo pelo trabalho cooperativo de muitos, pela manutenção e eficiência de todo social.

Esta ordem é fundamental para o sistema econômico vigente, pois é através dela que existe o domínio das massas humanas. Qualquer ameaça a este estado de inércia social no qual se encontra a maioria das pessoas, pode representar um problema na geração de riquezas.

Existem diferenças na maneira de cada grupo cuidar de seus indivíduos. Alguns grupos sociais prezam o individualismo, enquanto que outros dão valor à qualidade de vida em conjunto. Partindo deste princípio, pode-se afirmar que nunca existiu uma sociedade exatamente igual à outra, apenas existiram sociedades que coincidiram no modo de pensar e agir.

Contudo, a abordagem central de Elias (1994), paralelamente às questões quanto ao significado da palavra sociedade, refere-se às pessoas como indivíduos singulares e às pessoas como um plural. É levantado todo um questionamento à respeito da influência que os indivíduos na sua vida pessoal exercem em todo o coletivo e na vida em grupo, e vice-versa.

Segundo Elias (1994, p. 13) a individualidade de cada um é fundamental para toda a vida coletiva, e a sociedade “[...] só continua a funcionar porque muitas pessoas,

isoladamente, querem e fazem certas coisas [...]” (ELIAS, 1994, p. 13). Porém, ao terminar sua afirmação deixa claro que a sociedade em si não se deve apenas às escolhas pessoais, pois “[...] no entanto sua estrutura e suas grandes transformações históricas independem, claramente, das intenções de qualquer pessoa em particular” (ELIAS, 1994, p. 13).

Esta discussão acerca da sociedade e da influência do individual no coletivo acaba por gerar duas vertentes de pensamento. A primeira é descrita por Elias (1994, p. 13) desta forma:

Parte das pessoas aborda as formações sócio-históricas como se tivessem sido concebidas, planejadas e criadas, tal como agora se apresentam ao observador retrospectivo, por diversos indivíduos e organismos. Alguns indivíduos dentro desse campo geral, talvez tenham certo nível de consciência de que esse tipo de resposta realmente não é satisfatório. É que, por mais que distorçam suas idéias de modo a fazê-las corresponderem aos fatos, o modelo conceitual a que estão presos continua a ser o da criação racional e deliberada de uma obra – como um prédio ou uma máquina – por pessoas individuais.

Já a segunda corrente de opiniões citada por Elias (1994, p. 14) é retratada da seguinte forma:

Já o campo oposto despreza essa maneira de abordar as formações históricas e sociais. Para seus integrantes, o indivíduo não desempenha papel algum. Seus modelos conceituais são primordialmente extraídos das ciências naturais, em particular, da biologia. Mas nesse caso, como tantas vezes acontece, os modos científicos de pensamentos misturam-se fácil e imperceptivelmente, com os modos religiosos e metafísicos, formando uma perfeita unidade. A sociedade é concebida, por exemplo, como uma entidade orgânica supra-individual que avança inelutavelmente para a morte, atravessando etapas de juventude, maturidade e velhice.

Partindo para outro campo de visão a respeito da sociedade, Berger e Luckmann (2009, p. 11) admitem um conceito no qual “a realidade é construída socialmente” e apontam a Sociologia do Conhecimento como a área mais indicada para analisar este fato. Os autores definem a “‘realidade’ como uma qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente da nossa própria volição”, ou seja, são coisas que acontecem, existem e se dão independente da nossa vontade, está fora do nosso alcance e não deixarão de acontecer caso formos contrários à sua existência. Quanto ao conhecimento, os autores afirmam como sendo “a certeza de que fenômenos são reais e possuem características específicas”.

A partir da sociedade do conhecimento, Berger e Luckmann (2009) iniciam seus estudos visando compreender os conhecimentos que temos do mundo em que vivemos.

Quanto ao campo a ser estudado pela sociologia do conhecimento, Berger e Luckmann (2009, p. 13) explicam que:

[...] uma “sociologia do conhecimento” terá de tratar não somente da multiplicidade empírica do “conhecimento” nas sociedades humanas, mas também dos processos pelos quais qualquer corpo de “conhecimento” chega a ser socialmente estabelecido.

Em outras palavras, os autores não pretendem utilizar a sociologia do conhecimento para analisar apenas dados obtidos através de experiências vividas e relacionadas ao conhecimento nas sociedades humanas, mas também para tratar de compreender os motivos que levam todo e qualquer tipo de conhecimento a se consolidar desta forma perante a sociedade.

Os autores atribuem os fundamentos do conhecimento às questões da vida cotidiana, ou conforme Berger e Luckmann (2009, p. 35) “mais precisamente, do conhecimento que dirige a conduta na vida diária”.

Berger e Luckmann (2009, p. 35) sustentam que a vida cotidiana:

[...] apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente.

Todas as questões que interferem constantemente no dia-a-dia das pessoas, acabam por tornar-se sua realidade. Segundo Berger e Luckmann (2009, p. 36), transformamos em realidade o que nos é cotidiano:

O mundo da vida cotidiana não somente é tomado com uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem às suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real para eles.

Os autores julgam a análise fenomenológica como o método mais conveniente para esclarecer resultados acerca dos fundamentos do conhecimento na vida cotidiana, análise esta entendida pelos mesmos como método “puramente descritivo, e como tal “empírico”, mas não “científico”. (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 36)

Apontam que existe uma quantidade de realidades presentes na vida humana, mas apenas uma se apresenta como realidade por excelência, que vem a ser esta

realidade cotidiana e que devido à sua posição privilegiada, é designada como a realidade predominante. Esta posição de realidade nos é dada sem qualquer questionamento e explicação, considerando-se apenas a sua simples presença. O que ocorre realmente, é que esta realidade cotidiana envolve todas as outras realidades por todos os lados, de modo que ao experimentar outras realidades, como por exemplos os sonhos, cedo ou tarde acabamos retornando à realidade predominante.

Esta vida cotidiana é dividida em dois setores, os que são apreendidos rotineiramente e outros que se apresentam com problemas de qualquer espécie e o seu mundo é estruturado espacial e temporalmente. Dentre os dois, o mais importante é a temporalidade, pois é uma propriedade intrínseca da consciência. (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 44)

De todas as experiências entre pessoas, a situação de face a face é considerada por Berger e Luckmann (2009, p. 47) como a mais importante e o prototípico da interação social. Afirmam que o “aqui e agora” de um colidem continuamente com o “aqui e agora” do outro, e que todos os demais casos de interação são derivados destas situações.

Embora pareça complexo de se impor padrões nas relações face a face, geralmente elas ocorrem de uma forma rotineira da vida cotidiana. Por mais que tenhamos a impressão de que através de uma experiência destas somos capazes de captar todas as intenções do outro, é possível que estas sejam mal interpretadas.

Os autores apresentam a tipificação como parte presente destes encontros face a face, e complementam que “os esquemas tipificadores que entram nas situações face a face são naturalmente recíprocos”. (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 50)

Todas estas tipificações afetam constantemente toda a interação entre indivíduos, e são descritas e exemplificadas pelos autores:

A realidade da vida cotidiana contém esquemas tipificadores em termos dos quais os outros são apreendidos, sendo estabelecidos os modos como “lidamos” com eles nos encontros face a face. Assim, apreendo o outro como “homem”, “europeu”, “comprador”, “tipo jovial”, etc. (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 49)

Portanto, a realidade social da vida cotidiana é “apreendida num contínuo de tipificações”, e a estrutura social vem a ser “a soma destas tipificações e dos padrões recorrentes de interação estabelecidos por meio delas”. Logo, os autores concluem que

“a estrutura social é um elemento essencial da realidade da vida cotidiana”. (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 52)

3.1 A LINGUAGEM E O CONHECIMENTO NA VIDA COTIDIANA

A expressividade humana é capaz de objetivações, ou conforme Berger & Luckmann (2009, p. 53):

[...] manifesta-se em produtos da atividade humana que estão ao dispor tanto dos produtores quanto dos outros homens, como elementos que são de um mundo comum.

Os autores apontam a significação, ou seja, a produção humana de sinais como um caso especial e decisivamente importante da objetivação humana. Todos os sinais agrupam-se “em um certo número de sistemas” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 55), e a linguagem “é o mais importante sistema de sinais da sociedade humana”. Embora possa ser mantida longe das situações face a face, a linguagem é originada destas situações, possuindo “uma qualidade inerente de reciprocidade que a distingue de qualquer outro sistema de sinais”. A linguagem encontra referência primária na vida cotidiana, e sendo um sistema de sinais, tem a qualidade da objetividade. (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 58)

Um ponto importante sobre a linguagem é que esta tipifica as experiências permitindo que estas sejam agrupadas em amplas categorias que fazem sentido não somente para quem as categoriza, mas para todos os seus semelhantes que dominem a linguagem.

Os autores atribuem à capacidade que a linguagem tem de transcender o “aqui” e “agora”, o fato de a linguagem estabelecer pontes entre diferentes zonas dentro da realidade da vida cotidiana e a integrá-las numa totalidade dotada de sentido. (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 59)

3.2 A SOCIEDADE COMO REALIDADE OBJETIVA

Neste tópico, os autores tratam das esferas que formam a realidade objetiva da sociedade, abordando-as a partir da sua institucionalização.

3.2.1 Institucionalização

A institucionalização, aos olhos de Berger e Luckmann, pode ser compreendida através dos organismos e atividades, a própria origem da institucionalização, a sedimentação e tradição, os papéis exercidos pelos indivíduos sociais e a extensão desde fenômeno social na própria sociedade.

a) **Organismo e atividade:** O homem ocupa uma posição diferente no mundo animal, pois não possui um ambiente específico da sua espécie. Os espaços ocupados pelo homem são “firmemente estruturados por sua própria organização”, e conforme Berger e Luckmann (2009, p. 70), isto os diferencia dos demais animais:

A organização instintiva do homem pode ser descrita como subdesenvolvida, comparada a de outros mamíferos superiores. O homem, está claro, tem impulsos, mas estes são consideravelmente desprovidos de especialização e direção. Isto significa que o organismo humano é capaz de aplicar o equipamento que possui por constituição a uma ampla escala de atividades e, além disso, constantemente variável e em variação.

Quanto à sua formação biológica, ao relacionar-se com o seu ambiente, o ser humano encontra-se ainda em seu desenvolvimento, concluindo assim que esta formação está diretamente correlacionada com o mesmo. Em outras palavras, Berger e Luckmann (2009) afirmam que embora o homem possua sua própria natureza, “é mais significativo dizer que o homem constrói sua própria natureza, ou, mais simplesmente, que o homem se produz a si mesmo”. Este período no qual o humano evolui no seu processo de formação até completar-se na correlação com o ambiente, é também o período durante o qual o eu humano se forma.

Esta construção de ambiente, só é permitida ao ser humano devido à sua capacidade de interação social, conforme afirmam os autores Berger e Luckmann (2009, p. 75):

Assim como é impossível que o homem se desenvolva como homem no isolamento, igualmente é impossível que o homem isolado produza um ambiente humano. O ser humano solitário é um ser no nível animal [...]. A humanidade específica do homem e sua sociedade, estão inextricavelmente entrelaçados. O *homo sapiens* é sempre, e na mesma medida, *homo socius*.

Mas se existe toda uma questão social que envolve o ser humano, existe uma questão muito importante que gira em torno disto: como surge a ordem social? Esta ordem social, conforme os autores é “um produto humano”. Este tipo de ordem não é encontrado em nenhuma outra categoria de animais, “a ordem social existe *unicamente* como produto da atividade humana”. (BERGER; LUCKMANN, 2009)

b) As origens da institucionalização: Todas as ações que acabam por se tornar freqüentes podem ser consideradas um hábito, moldadas em padrões a que toda atividade humana estão sujeitas. Estes hábitos fornecem “a direção e a especialização da atividade que faltam no equipamento biológico do homem”. Desta forma, estes hábitos vão “aliviando o acúmulo de tensões resultantes dos impulsos não originados”. Os autores atribuem a institucionalização à coextensão da “parte mais importante da formação do hábito da atividade humana”. Berger e Luckmann (2009, p. 79) afirmam que:

A institucionalização ocorre sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores. Dito de maneira diferente, qualquer uma dessas tipificações é uma instituição.

Estas tipificações recíprocas “são construídas no curso de uma história compartilhada”, ou seja, não são criadas instantaneamente mas sim através de uma história da qual podem ser consideradas como seus produtos. Partindo deste princípio, podemos concluir que para que se possa entender toda e qualquer instituição, torna-se necessário entender o “processo histórico em que foi produzida”. Ao tornar a existência das instituições um ato real, o ser humano passa a seguir uma conduta humana padronizada estabelecida por estas, que possuem “caráter controlador”. As instituições aparecem no mundo humano como realidade objetiva, e esta objetividade é construída e produzida pela atividade humana. Estas instituições “devem pretender, e de fato pretendem, ter autoridade sobre o indivíduo”, ou seja, representam autoridade objetiva independente das “significações subjetivas que este possa atribuir a qualquer situação particular”. (BERGER; LUCKMANN, 2009)

As instituições nada mais são do que um reflexo dos indivíduos que constituem a sociedade quanto à maneira que estes acreditam que a sociedade deveria funcionar.

c) Sedimentação e tradição: De todas as experiências vivenciadas pelo homem, Berger e Luckmann (2009) apontam que apenas algumas “[...] são retidas na

consciência. As experiências que ficam assim retidas são sedimentadas”, ou seja, “consolidam-se na lembrança como entidades reconhecíveis e capazes de serem lembradas”. É justamente esta sedimentação que dá sentido às nossas biografias de vida, e esta sedimentação que ao ser dividida em sociedade torna-se intersubjetiva, “só pode ser verdadeiramente social quando se objetivou em um sistema de sinais desta ou daquela espécie”, ou melhor dizendo, quando existe uma maneira de repetir a objetivação das experiências compartilhadas.

d) **Papéis:** As origens da ordem institucional atribuem papéis a todos os indivíduos, papéis estes que são apontados por Berger e Luckmann (2009, p. 103) como:

Os papéis são tipos de atores neste contexto. Pode-se ver-se facilmente que a construção das tipologias dos papéis é um correlato necessário da institucionalização da conduta. As instituições incorporam-se à experiência dos indivíduos por meio dos papéis. Estes, linguisticamente objetivados, são um ingrediente essencial do mundo objetivamente acessível de qualquer sociedade. Ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social. Ao interiorizar estes papéis, o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele.

É através dos papéis sociais que o ser humano passa a fazer parte da sociedade como um todo, e estes por sua vez, surgem justamente desta interação entre os indivíduos, pois um homem afastado do convívio coletivo não ocupa um papel social.

e) **Extensão e modo de institucionalização:** Toda a vida social é atingida pela ordem social, que “se assemelha à execução contínua de uma complexa e altamente estilizada liturgia”. Contudo, a institucionalização não é um processo irreversível:

[...] a despeito do fato das instituições, uma vez formadas, terem a tendência de perdurar. “Por uma multiplicidade de razões históricas, a extensão das ações institucionalizadas pode diminuir. Pode haver desinstitucionalização em certas áreas da vida social”. Por exemplo, a esfera privada que surgiu na moderna sociedade industrial e consideravelmente desinstitucionalizada, se comparada com a esfera pública. (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 113)

Quanto à extensão da institucionalização, os autores afirmam que esta “depende da generalidade das estruturas importantes”, ou seja, se a maioria das estruturas importantes “de uma sociedade são geralmente compartilhadas, a esfera da

institucionalização será ampla”, enquanto que se estas estruturas existem em um número inferior,” a esfera da institucionalidade será estreita”.

3.2.2 Legitimação

A melhor definição para a legitimação enquanto processo, é a objetivação de sentido de segunda ordem. A sua função “consiste em tornar objetivamente acessível e subjetivamente plausível” todas as objeções de primeira ordem que já tenham sido institucionalizadas. Conforme Berger e Luckmann (2009), “a legitimação justifica a ordem institucional dando dignidade normativa a seus imperativos práticos”, ou seja, “a legitimação não é apenas uma questão de “valores”, pois” sempre implica também conhecimento”.

3.3 A SOCIEDADE COMO REALIDADE SUBJETIVA

O fato de estarmos inseridos na sociedade significa que estamos imediatamente participando da dialética da sociedade. De acordo com Berger e Luckmann (2009, p. 175):

Todo indivíduo nasceu em uma estrutura objetiva, dentro da qual encontra os outros significativos que se encarregam de sua socialização. Estes outros significativos são-lhe impostos. As definições dadas por estes à situação dele apresentam-se como a realidade objetiva.

A identidade da existência humana é “definida como localização em um certo mundo”, desta forma, esta existência ou identidade “só pode ser subjetivamente apropriada *juntamente com* este mundo”.

Os autores apontam a criação primária do humano, que abrange as idades iniciais da infância, como o primeiro passo em direção da formação de uma identidade. É nesta etapa da vida que se constitui o primeiro mundo do indivíduo. Esta etapa primária “implica na seqüência de aprendizados socialmente definidos”, pois é estipulado que ‘na idade A a criança deve aprender X, na idade B deve aprender Y e assim por diante’.

A socialização secundária, em contrapartida, é a “interiorização de “submundos” institucionais ou baseados em instituições”, ou seja, o homem parte em direção de seu avanço como indivíduo através de seu contato com o mundo já estabelecido em seu redor. Embora possa contestar todo este mundo erguido perante si, é muito difícil desvencilhar-se desta criação já imposta e consolidada na história da humanidade, pois interiorizamos as instituições sociais até nos sentirmos parte das mesmas.

3.3.1 A interiorização e a estrutura social

Todo tipo de socialização “realiza-se sempre no contexto de uma estrutura social específica”. Entende-se por “socialização bem sucedida” um elevado grau de simetria entre a realidade subjetiva e a objetiva estabelecida na sociedade em questão. Partindo deste princípio de sociedade bem sucedida, o seu oposto “deve ser compreendido em termos de assimetria entre realidade objetiva e subjetiva”. Enquanto que a sociedade bem sucedida é praticamente impossível, a mal sucedida é também algo muito raro de acontecer.

Quanto à análise destas questões sociais, Berger e Luckmann (2009, p. 216) afirmam que:

A análise micro-sociológica ou sócio-psicológica dos fenômenos de interiorização deve ter sempre por fundamento a compreensão macro-sociológica de seus aspectos estruturais.

Os autores apontam a discordância entre as socializações primárias e secundárias como uma possível razão para uma socialização tornar-se imperfeita. São inúmeros os resultados que esta discordância podem desencadear, tais como limitações naturais quanto à socialização secundária, desidentificação subjetiva do “lugar adequado” do indivíduo na sociedade, possibilidade do indivíduo ter relações com mundos discordantes e qualitativamente diferentes das relações primárias.

3.3.2 Teorias sobre a identidade

Existe uma noção social de identidade, termo que representa um elemento-chave da realidade subjetiva e que “acha-se em relação dialética com a sociedade”. Berger e Luckmann (2009, p. 228) afirmam que “a identidade é formada por processos sociais.

Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais”.

É a estrutura social que determina os “processos sociais implicados na formação e conservação da identidade”, e estas “reagem sobre a estrutura social dada. São as estruturas sociais históricas que acabam por formar certos tipos de identidade, tais como os brasileiros que possuem identidades diferentes dos seus vizinhos de fronteiras por questões históricas.

3.3.3 Organismo e Identidade

O organismo e as limitações da construção social da realidade afetam “cada fase da atividade humana construtora da realidade”, e “o organismo por sua vez é afetado por esta atividade”. Os autores apontam uma possível dialética entre a natureza e a sociedade, que se dá “na condição humana e manifesta-se renovada em cada indivíduo humano”. Todas estas questões acerca da relação do indivíduo com o meio social podem ser explicadas através da ideia de que “internamente, é uma dialética entre o substrato biológico do indivíduo e sua identidade socialmente produzida”. Enquanto que o organismo “estabelece limites para aquilo que é socialmente possível”, se analisado de maneira externa, por outro lado “os fatores biológicos limitam a gama de possibilidades sociais abertas a qualquer indivíduo”, mas o mundo social preexistente a todos os indivíduos, “impõe limites ao que é biologicamente possível para o organismo”. (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 237),

Embora apresentada com brevidade, esta fundamentação teórica serve de suporte para os tópicos seguintes, pois visa dar apoio para a exposição dos fundamentos da metodologia adotada.

4 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

A etapa de fundamentação metodológica de uma pesquisa “não só contempla a fase exploratória do campo [...] como a definição de instrumentos e procedimentos para análise dos dados”. Além de descrever estes métodos e técnicas, a metodologia “indica as opções e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico” (MINAYO, 2004, p. 43).

Nesta pesquisa, o quadro teórico aponta para as obras de Elias (1994) e Berger e Luckmann (2009), que indagam sobre os indivíduos, a sociedade e a construção da realidade social que se dá a partir desta relação. Estes estudos nos trazem o entendimento necessário para a assimilação da teoria que guiará os procedimentos metodológicos da presente pesquisa, com o direcionamento para a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici (2007).

A teoria das Representações Sociais surgiu com a obra de Moscovici, em 1961, na França, intitulada de “La Psicanalyse: Son image et son public” e, de acordo com Guareschi e Jovchelovitch (2008, p. 31-33), “é uma forma sociológica de PSICOLOGIA SOCIAL” que co-existe com “as formas psicológicas da PSICOLOGIA SOCIAL”. Guareschi e Jovchelovitch (2008, p. 31-33) afirmam que:

Moscovici não desenvolveu sua teoria num vazio cultural. Ele teve a capacidade de se apoiar nos fundadores das ciências sociais na França, especialmente em Durkheim. Sendo que Durkheim foi um dos fundadores da sociologia moderna, a teoria de Moscovici é freqüentemente classificada, com muita propriedade, como uma forma sociológica da PSICOLOGIA SOCIAL

Ao elaborar a Teoria das Representações Sociais, Moscovici deu início a uma crítica à perspectiva individualista predominante na Psicologia Social até então.

As Representações Sociais nada mais são do que “um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com seu meio físico e social”, fazendo com que esta interação determine “seus comportamentos e suas práticas” (MOREIRA, 1998, p. 28).

Na obra de Moscovici (2007, p. 21) as Representações Sociais são descritas como:

Um sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo, e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.

Buscando explicar a questão que envolve a comunicação entre os indivíduos, Arruda (2002, p. 129) esclarece que:

A Teoria das Representações Sociais (TRS) operacionalizava um conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade. Partia da premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes, formas que são móveis, e define duas delas, presentes nas nossas sociedades: a consensual e a científica, cada uma gerando seu próprio universo. A diferença, no caso, não significa hierarquia nem isolamento entre elas, apenas propósitos diversos. O universo consensual seria aquele que se constitui principalmente na conversação informal, na vida cotidiana, enquanto o universo reificado se cristaliza no espaço científico, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna. Ambas, portanto, apesar de terem propósitos diferentes, são eficazes e indispensáveis para a vida humana. As representações sociais constroem-se mais freqüentemente na esfera consensual, embora as duas esferas não sejam totalmente estanques.

De uma forma simples, Sêga (2000, p. 128-129) aborda que as representações sociais:

[...] se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem. O social intervém de várias formas: pelo contexto concreto no qual se situam grupos e pessoas, pela comunicação que se estabelece entre eles, pelo quadro de apreensão que fornece sua bagagem cultural, pelos códigos, símbolos, valores e ideologias ligados às posições e vinculações sociais específicas. Em outras palavras, a representação social é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade.

Em outras palavras, Oliveira, Paiva e Valente (2006, p. 474) explicam as representações sociais focando na construção da realidade comum:

As representações sociais (RS) situam-se na interface do psicológico e do social, podendo ser entendidas como formas de conhecimentos elaborados e compartilhados socialmente que contribuem para a construção de uma realidade comum, possibilitando a compreensão e a comunicação do sujeito no mundo. Sendo assim, compreende-se que as representações sociais estão vinculadas a valores, noções e práticas individuais que orientam as condutas no cotidiano das relações sociais e se manifestam através de estereótipos, sentimentos, atitudes, palavras, frases e expressões. É um conhecimento do “senso comum”, socialmente construído e partilhado, diferente do conhecimento científico, que é retificado e fundamentalmente cognitivo.

As representações sociais aparecem como um campo relevante neste estudo, pois “permitem reconhecer os modos e processos de constituição do pensamento social, por meio do qual, pessoas constroem e são construídas pela realidade social”. É fundamental, para que entendamos as razões que levam um determinado grupo de indivíduos a optar por certas finalidades, que se faça uma análise para que se obtenha o entendimento das dinâmicas das interações sociais, e que tenhamos certa clareza quanto aos determinantes das práticas sociais. (ARAYA UMAÑA, 2002, p. 13)

Às representações sociais podem ser atribuídas, no mínimo, quatro funções, conforme García (1997, p. 29):

As representações sociais desempenham *funções*, mostram um caráter e processos de configuração. Um modo de distinguir as funções é reconhecer ao menos quatro: compreensão, valoração, comunicação e atuação. A *compreensão* remete ao cognitivo, o pensável ou impensável; a *valoração* qualifica situações, emite juízos acerca do concebível ou não concebível; a *comunicação* torna a interação possível, o nomeável e o inomeável; a *atuação* condiciona as práticas, o realizável e o não realizável.

Para que um estudo de representações sociais possua um valor considerável, a metodologia escolhida deve estar alinhada com “as suposições epistemológicas e ontológicas da investigação (e do investigador ou investigadora)”, tornando necessária uma certa noção sobre “estas suposições, lembrando, não obstante, que a opção pela teoria das representações sociais contém uma posição epistemológica”. (ARAYA UMAÑA, 2002, p.47)

No caso deste estudo, ao buscar-se o discurso de estagiários sobre um determinado tipo de prática em dado ambiente, pretendeu-se encontrar uma representação social, interpretada a partir do uso da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) de Lefèvre e Lefèvre (2003) que está explicitada mais adiante.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme Flick (2009), entre as pesquisas existentes no campo científico, “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas sociais”. O autor afirma que:

Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa [...] consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos. (FLICK, 2009, p. 23)

Esta classificação de abordagem, em quantitativa ou qualitativa, é um resultado da forma como é abordado um determinado problema em uma pesquisa. Alvântara e Vesce (2008, p. 2.209) apontam a análise qualitativa como uma pesquisa cuja abordagem pode ser entendida como:

[...] uma pesquisa em que se procura compreender um determinado fenômeno em profundidade. Não trabalha com estatísticas e regras rígidas, mas realiza descrições, análises e interpretações de caráter subjetivo. Dessa forma, a Pesquisa Qualitativa caracteriza-se por ser mais participativa e menos controlável, já que os elementos participantes podem orientar os caminhos da pesquisa mediante suas interações com o pesquisador.

Flick (2009, p. 25) complementa este pensamento ao afirmar que:

De modo diferente da pesquisa quantitativa, os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento, em vez de simplesmente encará-la como uma variável a interferir no processo. A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo, suas impressões, irritações, sentimentos, etc., tornam-se dados em si mesmos, construindo parte de interpretação e são, portanto, documentados em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto.

Dentre todas as maneiras de se obter um dado qualitativo a entrevista, a observação, o correio eletrônico, as conversas em grupos, os diários, os vídeos, os filmes, as fotografias, e todo formato ou suporte em que a informação possa ser registrada, Gibbs (2009, p. 17) considera:

O tipo mais comum de dado qualitativo usado em análise é o texto, que pode ser transcrição de entrevistas ou notas de campo de trabalho etnográfico ou outros tipos de documentos. A maior parte dos dados em áudio e vídeo é transformada em texto para ser analisada. A razão para isso é que o texto é

uma forma fácil de registro que se pode trabalhar com as técnicas “de escritório” [...].

Por ser, em geral, uma análise estatística de opiniões, o molde quantitativo não foi aplicado a este estudo, pois buscou-se trabalhar o pensamento. O “*pensamento*, tanto o individual quanto o coletivo, não é ou não se comporta da mesma forma que um atributo ou variável”. Pode-se afirmar que “quando se diz que uma pessoa ou uma coletividade *têm* um pensamento sobre um dado tema”, no caso sobre o campo profissional bibliotecário, “está-se dizendo que ela professa, ou adota, ou usa um ou vários discursos sobre o tema” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 13 – 14). Para melhor conduzir o presente estudo, então, escolheu-se a entrevista como recurso para a coleta de discursos.

De acordo com Minayo (2004, p. 57-58), o procedimento mais comum em análises qualitativas, é a entrevista, pois:

Através desse procedimento, podemos obter dados objetivos e subjetivos. Os primeiros podem ser também obtidos através de fontes secundárias, tais como censos, estatísticas e outras formas de registros. Em contrapartida, o segundo tipo de dados se relaciona aos valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados.

A autora define que estas entrevistas “podem ser *estruturadas* e *não-estruturadas*, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas”. Desta forma, Minayo (2004, p. 58) afirma que “torna-se possível trabalhar com a entrevista *aberta* ou *não-estruturada*, onde o informante aborda livremente o tema proposto”, da mesma maneira que torna possível o trabalho com “as *estruturadas* que pressupõe perguntas *previamente formuladas*”.

A técnica de encontros face a face explorada pela entrevista busca constatar as perspectivas “que possuem os informantes a respeito de suas vidas, experiências ou situações, através da maneira como se expressam com suas palavras”. Desta forma, tanto o entrevistado quanto o investigador passam a fazer parte dos instrumentos de investigação. Quanto ao entrevistador, o seu papel não “implica apenas obter respostas, mas também aprender quais perguntas fazer e como fazê-las”. O entrevistador deve “possuir uma personalidade flexível e ser suficientemente perspicaz” para que se possa fazer uma análise crítica das respostas obtidas e “indagar em busca de respostas mais claras e exaustivas”. (ARAYA UMAÑA, 2002, p. 55)

De acordo com Lefèvre e Lefèvre (2003, p. 14 - 15) existe uma grande diferença entre pesquisar algo que uma pessoa possui e algo que uma pessoa professa. No primeiro caso, “esse algo já está completamente dado **antes** da pesquisa”, enquanto que no segundo, necessita ser “reconstruída **durante** ou **através** do próprio processo de investigação”. Quando as pessoas professam algo, é através de “um pensamento, uma idéia, uma opinião, o dito *algo* é, sempre, um **discurso**”, logo estes devem ser coletados, processados e apresentados em forma de discurso “porque os pensamentos pertencem à família das línguas e linguagens e, portanto, à ordem do discurso ou do texto.” Este discurso deve ser um resultado de expressões livres e sinceras, impossibilitando a utilização de questões fechadas na entrevista, pois não ensejam “a expressão de um pensamento, mas a expressão de uma adesão (forçada) a um pensamento preexistente”.

Para que o recurso de análise de discurso seja utilizado em pesquisas com mais de uma opinião torna-se necessária a soma de discursos, e a partir desta necessidade surgiu o conceito do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Segundo Lefèvre e Lefèvre (2003, p. 16):

O Sujeito Coletivo se expressa, então, através de um discurso emitido no que se poderia chamar de *primeira pessoa(coletiva) do singular* [...]. Trata-se de um *eu* sintático que, ao mesmo tempo em que sinaliza a presença de um sujeito individual do discurso, expressa uma referencia coletiva na medida em que esse *eu* fala pela ou em nome de uma coletividade.

É através do Discurso do Sujeito Coletivo que um pesquisador concretiza a fala direta de uma coletividade. Os autores Lefèvre e Lefèvre (2003, p. 17) definiram três figuras metodológicas necessárias para a confecção final de uma quarta figura que é o próprio DSC:

Expressões-chave: As expressões-chave (ECH) são pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso [...] e que revelam a essência do depoimento [...]. Busca-se, aqui, o resgate da literalidade do depoimento. Esse resgate é fundamental na medida em que, através dele, o leitor é capaz de comparando um trecho selecionado do depoimento com a integralidade do discurso e com as afirmativas reconstruídas sob a forma de ideias centrais [...]. É com a matéria-prima da expressões-chave que se constroem os Discursos do Sujeito Coletivo. [...]

Ideias Centrais: [...] revela ou descreve, de maneira mais sintética, precisa e fidedigna possível, o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo de ECH, que vai dar nascimento, posteriormente, ao DSC. É importante assinalar que a IC *não é uma interpretação, mas uma descrição* do sentido de um depoimento ou de um conjunto de depoimentos. [...]

Ancoragem: Algumas ECH remete não a uma IC correspondente, mas a uma figura metodológica que, sob a inspiração da teoria da representação social, denomina-se ancoragem (AC), que é a manifestação linguística explícita de uma dada teoria, ou ideologia, ou crença que o autor do discurso professa e que, *na qualidade de afirmação genérica, está sendo usada pelo enunciador para “enquadrar” uma situação específica.*

Este discurso que representa uma coletividade é redigido na primeira pessoa do singular e deve integrar as ECH que possuem a mesma IC ou AC. Após a transcrição do discurso coletivo, são retiradas expressões que representem os depoimentos e os selecione em categorias. Após esta seleção, necessária para a “eliminação da variabilidade individual”, “o que passa a valer é o nome ou o título da classe, deixando os discursos empíricos de existir” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 19).

A finalidade de utilizar o Discurso do Sujeito Coletivo é obter melhor visualização das representações sociais através das ideias e expressões que os indivíduos consultados utilizam para expor o que pensam.

5.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes desta pesquisa foram os estudantes do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que estagiaram na Rede Municipal de Educação de Florianópolis. Pelo fato da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) ofertar o curso da área no período diurno, fica inviabilizada a atuação de estudantes da instituição como estagiários nas escolas municipais.

Para a seleção dos participantes finais, foram utilizados os seguintes critérios:

- a) Estar vinculado ao Curso de Biblioteconomia da UFSC;
- b) Estar estagiando ou ter estagiado em alguma biblioteca escolar da Rede Municipal de Florianópolis;
- c) Esta biblioteca estar passando pelo processo de informatização na ocasião da realização da prática de estágio do informante.

A seleção destes critérios fundamentou-se na necessidade de encontrar participantes que possuíssem uma opinião formada a respeito do processo de informatização da Rede de Educação Municipal.

Inicialmente, foi estipulado um período de tempo para que existisse a possibilidade de os possíveis participantes não terem concluído o curso de graduação. O período estipulado foi de 2011.1 à 2013.2, e o motivo da escolha de participantes que ainda estivessem em processo de graduação foi o de evitar o risco de encontrar indivíduos com novas ideias e opiniões a respeito da automação de bibliotecas decorrentes de novas experiências profissionais.

A primeira listagem de estagiários que atuaram nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Florianópolis durante este período, obtida junto ao setor de Estágios do Departamento de Ciência da Informação (CIN) em setembro de 2013, contava com 12 (doze) possíveis participantes. De posse da listagem oficial, o primeiro contato feito com os possíveis participantes foi através do e-mail institucional da UFSC. No e-mail encaminhado ao grupo em questão, foram explicados os objetivos da pesquisa, os motivos pelos quais foram selecionados e questionada a possível participação como informantes.

Do número total de possíveis participantes que haviam estagiado nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Florianópolis, apenas 6 (seis) encontravam-se cursando Biblioteconomia. Do total de participantes em processo de graduação, 1 (um) não respondeu às tentativas de contato e 1 (um) não estagiou em biblioteca onde havia sido iniciado o processo de informatização, somando um total de 4 (quatro) respondentes que efetivamente prestaram essa colaboração para a realização da parte empírica deste estudo.

5.2 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

O instrumento de estudo utilizado nesta pesquisa foi a Entrevista. A entrevista consistiu em perguntas abertas (ANEXO B), pois “as perguntas fechadas contém categorias ou alternativas de respostas que foram delimitadas pela investigadora ou investigador”. Por ser um estudo que buscou analisar opiniões pessoais de um determinado grupo de indivíduos, foi necessário que as questões não apresentassem ou delimitassem “de antemão as alternativas de respostas.” (ARAYA UMAÑA, 2002, p. 57)

Após a definição dos critérios para a seleção dos informantes e o resultado final dos possíveis participantes, foi selecionado um grupo de 3 (três) indivíduos que já haviam participado de algum processo de informatização e de preferência em ambiente escolar. A este grupo foi aplicado um pré-teste, com o questionário inicial. O objetivo deste pré-teste foi avaliar a qualidade do instrumento de coleta, e garantir que este instrumento daria conta de responder aos objetivos da pesquisa.

A partir deste pré-teste, foi reformulada uma questão cujas respostas não demonstraram que tenha havido clareza no entendimento do que foi perguntado. Também foi elaborada uma questão final que deixasse o respondente livre para discorrer sobre algo que ele julgasse considerável e não houvesse sido questionado.

5.3 COLETA DE DADOS DEFINITIVOS

No âmbito do registro de dados, o instrumento utilizado foi a gravação em formato MP3 feita a partir de aparelho celular. Por motivo de precaução foram utilizados, dois celulares. Caso ocorresse alguma falha em uma gravação, existiria uma segunda para garantir que imprevistos não prejudicassem os resultados. A coleta das falas ocorreu no local indicado pelos respondentes, por uma questão de comodidade dos mesmos, tendo sido realizada entre os dias 7 e 15 de outubro de 2013.

Anteriormente a cada entrevista foi entregue ao participante um Termo de Consentimento Livre (TCLE), cuja finalidade foi deixar todos os respondentes a par dos objetivos da pesquisa, e que autorizassem a utilização de suas respostas na análise final da pesquisa (ANEXO A). Este cuidado ético responde às orientações da Resolução 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, do Conselho Nacional de Saúde.

Após a gravação das entrevistas, as mesmas foram transcritas de maneira detalhada (ANEXO C).

5.4 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DISCURSOS

Todas as entrevistas foram sendo transcritas conforme iam ocorrendo. Após a última entrevista e a sua transcrição final, iniciou-se a primeira etapa para a análise e a composição do DSC.

De acordo com Lefèvre e Lefèvre (2003, p. 46), após as entrevistas terem sido transcritas, deve-se analisar questão por questão de maneira isolada, copiando o conteúdo integral destas respostas no IAD 1 (Instrumento de Análise de Discurso 1) na coluna das Expressões-Chave.

Após esta primeira etapa, o pesquisador deve diferenciar em cada resposta as Expressões-Chave das Idéias Centrais e, quando houver, as Expressões-Chave das Ancoragens. Esta diferenciação pode ser feita através de recursos gráficos de fonte, de cor, ou o que parecer mais adequado para o pesquisador. Em seguida, o pesquisador deve destacar estas Idéias Centrais e Ancoragens, e posicioná-las no seu lugar adequado no IAD1. Após esta divisão metodológica, identificam-se as Idéias Centrais e as Ancoragens que possuem sentido em comum, ou um sentido que se complementa com a idéia do outro, e agrupá-los em grupos identificados através de letras (A, B, C, etc.). Estes grupos, identificados através de letras, tornam possível a criação de sínteses que expressem todas as idéias centrais e abordagens do mesmo sentido. Ao final, concretizadas essas etapas, é feita a construção do DSC, utilizando-se do IAD 2 (Instrumento de Análise de Discurso 2). Para finalizar, todas as Expressões-Chave do mesmo agrupamento do IAD 1 são copiadas nas expressões-chave do IAD 2, e em seguida construir o DSC propriamente dito de cada agrupamento, seqüenciando as expressões-chave através de uma esquematização (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 46 – 55).

6 RESULTADOS

Nesta seção estão apresentados os resultados obtidos, sintetizados sob a forma de um DSC único. Este DSC é a síntese dos discursos dados pelos quatro participantes em resposta às questões formuladas, conforme pode ser visto no Apêndice C – Transcrição das Entrevistas na Íntegra e no Apêndice D – Discursos obtidos e seus tratamentos.

Conforme detalhado no capítulo 5, o DSC é a fala em primeira pessoa do total dos discursos obtidos e centra-se na integração do pensamento mais relevante expressos pelos respondentes. Estaria aí concentrado o núcleo da percepção que os estagiários de Biblioteconomia têm acerca do que lhe foi apresentado para reflexão.

6.1 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DOS ESTAGIÁRIOS

O processo de informatização em si, achei eficiente em partes, em algumas bibliotecas está muito lento. É interessante porque é uma forma de gerenciar a informação e recuperar as informações de uma forma rápida e otimizada, e de acordo com a sociedade em que a gente ta vivendo, a informação hoje, sempre é e sempre foi essencial, e quem detém informação detém poder. Na Rede as máquinas deixam muito a desejar geralmente é uma máquina só para o processo e não existem máquinas para os alunos pesquisarem, existem escolas que não possuem máquinas ainda e outras receberam máquinas mediante solicitação, mas não eram máquinas muito boas. A rede de Internet é de péssima qualidade. O profissional que assume a biblioteca em grande parte das vezes não é formado na área, é readaptado e não possui conhecimento na área, tinha uma bibliotecária, mas ela era meio contrária à informatização então não dava muita atenção pro processo, fiquei sozinha em uma das bibliotecas no período da tarde, então precisava informatizar e fazer o atendimento aos usuários. Tem muita coisa pra fazer e às vezes o bibliotecário não dá conta de tudo, não podendo priorizar a informatização, então o tempo para isso fica mínimo. Só fazia o processo de informatização, era só isso, ficava fazendo o dia todo e não havia interrupção, só quando alguém precisava usar a máquina, neste caso o tempo destinado era bom, 100%. Acho que existe o interesse por parte das chefias, a chefia era bem atenciosa para a parte da informatização, na maior parte do processo a Central de Bibliotecas foi bem acessível, a coordenadora sempre me auxiliou, e os benefícios decorrentes disto foi a questão do suporte mesmo, há uma preocupação muito grande, só que tem todos os problemas por trás, mas as coisas fogem do controle, não é simplesmente falar “vamos informatizar”. Na prática a coisa funciona diferente, não vejo benefícios, no dia de hoje eu não vejo benefícios no processo. Atualmente a principal questão a se mudar é a própria chefia, porque agora foi assumida por uma pessoa que não é da área. O que esta chefia pode batalhar pela biblioteca se não tem formação na área? Acho que isso só prejudica o que já foi conquistado. Resolver a falta de padrão na catalogação e indexação, e elaborar um manual de procedimentos para que as informações não fiquem centradas numa pessoa só. Isto torna necessária a contratação de muitos

profissionais, pois em muitas bibliotecas não existem nem profissionais da área. É necessário garantir que todas as bibliotecas passem pelo mesmo processo e ao mesmo tempo, e falta muito mais atenção para este processo, falta batalhar mais pelo espaço dele, pelos recursos necessários para que ele se concretize. Esta experiência, me fez crescer muito como estudante, fiquei muito mais atenta a tudo que havia aprendido e aprendi não só a lidar com a parte técnica, mas também a lidar com o público dentro de uma biblioteca, é uma forma de colocar em prática o que foi aprendido na faculdade, é um diferencial, entender como funciona a rotina de um bibliotecário, é um aprendizado para o futuro, é um crescimento, um desenvolvimento a mais, estar mais adaptado, habilitado quando se formar. Nem todos que concluem o curso chegam a trabalhar com o software (Pergamum), acredito que estou me formando com um olhar mais de bibliotecária do que de estudante. Gostaria de acrescentar que a biblioteca em que trabalhei possuía algumas políticas próprias, e era interessante porque na sexta feira a biblioteca fechava as portas ao público para dar ênfase aos procedimentos técnicos. Existiam também alunos que ajudavam nos procedimentos da escola e, conseqüentemente, nas rotinas da biblioteca, auxiliando em algumas partes da informatização na biblioteca em que trabalhei, o processo foi quase concluído.

6.2 INTERPRETAÇÃO DO DSC

O Discurso do Sujeito Coletivo apresentado anteriormente representa a opinião expressa pelos estudantes de Biblioteconomia da UFSC que participaram, mediante experiência de estágio, do processo de informatização de bibliotecas da Rede Municipal de Florianópolis. Este discurso resgata as percepções quanto às condições nas quais o processo vem se dando, analisando a gestão do processo e, conseqüentemente, o andamento do mesmo e os recursos disponíveis.

A opinião dos indivíduos entrevistados é fundamental para o entendimento do processo. Os anseios de melhoria resultantes de suas próprias percepções, que surgiram do contato direto com a informatização da Rede, confirmam a idéia defendida por Elias (1994) de que a vida coletiva depende diretamente das individualidades de cada pessoa que a constitui.

De acordo com Berger e Luckmann (2009) é esta vida coletiva que constrói a realidade. Estas questões relacionadas ao processo de informatização interferem diretamente na vida das pessoas envolvidas, como por exemplo a vida dos entrevistados que estagiaram e auxiliaram no processo. Ao interferir o dia-a-dia destas pessoas, esta experiência torna-se a realidade, pois transformamos em realidade o que nos é cotidiano.

A pesquisa revelou que, ao oposto das tendências globalizadas de informatização, as unidades de informação e seus componentes, desde os profissionais até as máquinas operacionais necessitam de mudanças reais e efetivas. Dentre os quatro entrevistados, dois consideram o processo ‘eficiente em partes’, pois ainda existe uma ‘falta de padronização’. Esta idéia de falta de padronização pode ser reconhecida em um terceiro discurso que aponta diferenças no andamento do processo entre as unidades, e reforçada por um quarto discurso que afirma uma lentidão excessiva numa unidade específica da Rede.

Quanto aos recursos disponíveis, a opinião de que faltam condições de trabalho é unânime. Todos os discursos demonstram que “as máquinas deixam muito a desejar”, que “não existem máquinas para os alunos pesquisarem” e que, infelizmente, ainda “existem escolas que não possuem máquinas”. A conexão de Internet se faz necessária para que se usufrua de grande parte dos recursos oferecidos pelo *software* Pergamum e, conforme o relato dos respondentes, “a rede de Internet é de péssima qualidade”. Estas opiniões refletem a necessidade de se batalhar por melhores condições e recursos para o processo de informatização. De acordo com as condições relatadas, o processo que deveria justamente adaptar as bibliotecas escolares às novas tecnologias e tendências, torna-se um desgaste na vida profissional dos indivíduos ligados ao mesmo, e acaba dificultando cada vez mais o trabalho dentro destas unidades.

O ponto mais crítico discorrido pelos participantes refere-se aos profissionais que assumem as unidades de informação da Rede. Contrariando as expectativas dos indivíduos envolvidos com as questões da área da biblioteconomia, boa parte das bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, inclusive o DBEC, é liderada por profissionais de outras áreas. Dos quatro discursos obtidos através desta pesquisa, apenas dois indicaram a presença de um bibliotecário formado. As demais bibliotecas possuíam profissionais readaptados de outras áreas e setores ou, até mesmo, a ausência de qualquer profissional. Isto demonstra a insatisfação dos estudantes em perceber a realidade da profissão. Os indivíduos que alcançam a graduação do curso de biblioteconomia esperam ser reconhecidos como bibliotecários e ao deparar-se com unidades de informação lideradas por pessoas de outras áreas soa um tanto quanto

ofensivo, pois, além da perda de campo de trabalho, fica clara a desvalorização deste profissional.

Alguns discursos levantaram a questão da falta de tempo recorrente da rotina e da demanda existente numa biblioteca escolar:

“[...] fiquei sozinha em uma das bibliotecas no período da tarde, então precisava informatizar e fazer o atendimento aos usuários. Tem muita coisa pra fazer e às vezes o bibliotecário não dá conta de tudo”

Esta realidade reflete diretamente no discurso de um respondente que destaca a necessidade da “contratação de muitos profissionais” no processo de melhorias, tanto da informatização quanto da própria gestão de bibliotecas. É importante ressaltar que esta contratação de mais profissionais refere-se a indivíduos da área, com formação em biblioteconomia através da graduação.

Quando questionados sobre o interesse da Chefia, todos os entrevistados concordaram com a ideia de que “existe o interesse por parte da chefia”, e que a mesma sempre foi “atenciosa para a parte da informatização”. Alguns discursos afirmaram que o órgão central sempre “foi bem acessível”, e que “a questão do suporte” foi um dos pontos positivos deste interesse. Um respondente frisou “os problemas por trás” do processo, que levam a crer que não basta apenas o interesse, pois “na prática a coisa funciona diferente”. Este último discurso citado relata uma falta de benefícios tanto no processo quanto na atenção - ou a falta de - dispensada ao mesmo. Através destes discursos, fica claro que o fato da chefia ter interesse no processo não resolve os problemas e empecilhos que surgem durante o mesmo, e que é necessário que o departamento tome providências enérgicas nesta parte.

As sugestões apresentadas nos discursos coincidiram na questão da ‘falta de padrão na catalogação e indexação’ da informatização. Os participantes da pesquisa também mencionaram a elaboração de “um manual de procedimentos para que as informações não fiquem centradas numa pessoa só”. Um participante mencionou a atual chefia, sugerindo:

“Atualmente a principal questão a se mudar é a própria chefia, porque agora foi assumida por uma pessoa que não é da área. O que esta chefia pode batalhar pela biblioteca se não tem formação na área? Acho que isso só prejudica o que já foi conquistado”

Conforme mencionado no início desta análise, as bibliotecas da Rede encontram-se em diferentes etapas da informatização, e devido a isto uma das sugestões propostas é justamente a de “garantir que todas as bibliotecas passem pelo mesmo processo e ao mesmo tempo”.

Além destas sugestões citadas acima, foi sugerida “muito mais atenção para este processo” e frisado que é necessário “batalhar mais pelo espaço dele, pelos recursos necessários para que ele se concretize”. Isto deixa claro que, na opinião dos respondentes, existe uma falta de posicionamento por parte da chefia em angariar os recursos necessários perante os órgãos que os disponibilizam.

A respeito da experiência de estagiar numa biblioteca em processo de informatização, os participantes sentem que isto os fez “crescer muito como estudante”, deixando-os mais atentos ao que lhes foi passado durante a graduação. Aprenderam lidar tanto com o lado técnico na profissão quanto “com o público dentro de uma biblioteca”.

Todos estes pontos citados acima representam um “aprendizado para o futuro”, “um diferencial”, e certamente um “desenvolvimento a mais”, pois “nem todos que concluem o curso chegam a trabalhar” num processo de automação e, muitas vezes, com o Pergamum. Esta idéia demonstra que não existem muitas oportunidades de estágio em bibliotecas automatizadas e com o software, considerado pelos próprios respondentes como “de excelência”.

Nas respostas à questão final, observa-se que um participante mencionou um projeto existente na escola em que trabalhou, no qual alunos “ajudavam nos procedimentos da escola e, conseqüentemente, nas rotinas da biblioteca, auxiliando em algumas partes da informatização”. Outro fato muito interessante, relatado por este mesmo participante, é que a escola em questão permitia que a biblioteca fechasse as portas às sextas-feiras para “dar ênfase aos procedimentos técnicos.”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bibliotecas da Rede Municipal de Educação de Florianópolis vêm passando por um processo de automação que teve início em 2007. O objetivo desta pesquisa foi justamente de conhecer o pensamento expresso dos estudantes, que obtiveram contato com o processo através do estágio não obrigatório, a respeito da informatização da Rede.

Os resultados deste estudo mostram que os estudantes entrevistados possuem opiniões semelhantes sobre o processo de informatização nas bibliotecas da Rede Municipal de Educação de Florianópolis, apesar de divergirem em alguns pontos. O processo foi considerado eficiente em parte, e o nível de informatização variável entre as bibliotecas escolares que constituem a Rede. De acordo com os discursos coletados, existem muitas mudanças que devem ser consideradas para a melhoria e a conclusão do projeto.

Inicialmente, vale reforçar que para alguns respondentes o processo tem sido satisfatório e eficiente, enquanto que para outros é muito lento e não tem trazido nenhum benefício. Isto demonstra que realmente existe uma grande diferença entre as bibliotecas, pois algumas estão com o processo quase concluído e outras sequer iniciaram. Algumas percepções mais negativas surgiram a partir do questionamento sobre os recursos disponíveis. As respostas sobre as máquinas e os profissionais existentes foram unânimes ao afirmar que os recursos disponíveis não são suficientes para a conclusão do processo de forma agilizada.

O que pode ser percebido através do DSC desta pesquisa, é que alguns dos estudantes que atuaram como estagiários na Rede e participaram desta pesquisa possuíam algumas expectativas pessoais, adquiridas no decorrer do curso de graduação quanto a um processo de automação de bibliotecas e, se depararam com uma realidade completamente diferente da esperada.

Esta percepção da realidade percorrida pelos entrevistados em confronto com as expectativas pessoais dos estudantes que ainda não atuaram no campo profissional da biblioteconomia demonstra a crença que os entrevistados possuem quanto à necessidade

do profissional bibliotecário assumir um lugar melhor na sociedade, batalhar pelos recursos que lhe são necessários para um melhor exercício profissional e por políticas que visem reconhecê-los como profissionais indispensáveis na gestão de bibliotecas, sejam elas escolares ou não.

Ao aplicarmos a teoria das representações sociais nos discursos obtidos nesta pesquisa, pode-se constatar que estes indivíduos transparecem a existência de uma crença na tecnologia recente e no poder da informação. Estas duas informações cruzadas representam uma visão positiva sobre a automação de serviços de informação em bibliotecas, sustentada no poder da tecnologia recente no processo de busca de informações necessárias ao usuário.

Embora exista esta visão que classifica a informatização como algo positivo às unidades de informação, existe um forte pensamento sobre as diferenças entre o ideal e a prática nestes discursos. Mais de um dos discursos apontou para a diferença existente entre o plano traçado e a prática do mesmo, reforçados com uma idéia de banalização da diferença entre a teoria e a prática em grande parte das atividades humanas.

Outro pensamento marcante e que caracteriza uma representação social é o de atribuir um alto valor à titulação acadêmica tanto na gestão de um sistema de bibliotecas quanto na liderança de cada uma das bibliotecas que constituem este complexo de unidades de informação. Unido a este pensamento vem o da postura enérgica na busca por condições ideais de trabalho, que podem ser percebidas rapidamente por um profissional da área, com o auxílio dos demais profissionais que o cercam.

Em relação à experiência de estágio por si só, conclui-se que a mesma possui uma valoração elevada por parte dos estudantes entrevistados, que atribuem à mesma crescimento no campo profissional e diferenciais ao ser comparados com os demais estudantes do curso.

REFERÊNCIAS

- ALVÂNTARA, A. M.; VESCE, G. E. P. **As representações sociais no Discurso do Sujeito Coletivo no âmbito da pesquisa qualitativa.** Anais VIII EDUCERE e III CIAVE. Curitiba: PUCPR, 2008. Disponível em:
<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/724_599.pdf>. Acesso em 27 jun. 2013.
- ALVES, Gisele; SILVA, Fernanda Cláudia L. da; VIAPIANA; Noeli. Informatização da rede de bibliotecas da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis. **Revista ACB.** Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 211- 222 jan./jun., 2008.
- ARAYA UMAÑA, Sandra. Las representaciones sociales: ejes teóricos para su discusión. **Cuaderno de Ciencias Sociales**, San José, n. 127, out., 2002.
- ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127-147, nov., 2002.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade.** Petrópolis: Vozes, 2009.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro.** Florianópolis: Lunardeli, 1979.
- CAMPELLO, B. S. et al. A coleção da biblioteca escolar na perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 6, n. 2, p. 71-88, jul./dez. 2001.
- DIAS, Maria Matilda Kronka; PIRES, Daniela. **Formação e desenvolvimento de coleções de serviços de informações.** São Carlos:EdUFSCAR, 2003.
- ELIAS, Norbet. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES. **Florianópolis: uma síntese histórica.** Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1993.

GARCÍA, Carlos Sandoval. **Sueños y sudores en la vida cotidiana: trabajadores y trabajadoras de la maquila y la construcción en Costa Rica.** San José: Universidad de Costa Rica, 1997.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 2008.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <
<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 29 maio 2013.

LEFÈVRE, M. Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos).** Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca.** São Paulo: Ática, 1998.

MELO, José Barboza. **Síntese histórica do livro.** São Paulo: IBRASA, 1979.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2004.

MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de. **Estudos interdisciplinares de representação social.** Goiânia: AB, 1998.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social.** Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Jane F. de; PAIVA, Mirian Santos; VALENTE, Camila L. M. Representações Sociais de profissionais de saúde sobre o consumo de drogas: um olhar numa perspectiva de gênero. **Ciência & Saúde Coletiva.** ABRASCO. v.11, n.2, abril/junho, 2006. p.473-481.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Secretaria municipal da educação**. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/>>. Acesso em 15 jun. 2013.

SANTOS, Plácida L. V. A. da C.; CARVALHO, Ângela M. G. Sociedade da Informação: avanços e retrocessos no acesso e no uso da informação. **Informação & Sociedade**. João Pessoa, v.19, n. 1, p. 45-55, jan./abr. 2009.

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90**, Porto Alegre. n 13, jul. de 2000.
Disponível em: <seer.ufrgs.br/anos90/article/download/6719/4026>. Acesso em 25 jun. 2013.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

De acordo com a Resolução 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, do Conselho Nacional de Saúde.

Prezado Participante,

Eu, Maria Pilar Aponte, graduanda do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina, estou realizando a pesquisa intitulada A informatização das bibliotecas escolares municipais de Florianópolis: percepção dos estagiários de Biblioteconomia. Esta pesquisa resultará no meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

Este estudo tem como objetivo geral:

- a) Conhecer o pensamento expresso pelos estudantes de Biblioteconomia que estagiaram na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis acerca do processo de informatização, através de suas experiências com o mesmo.

- b) Traçar o perfil da Rede Municipal de Ensino e de suas Bibliotecas Escolares;

- c) Caracterizar os estudantes do Curso de Biblioteconomia que estagiaram nesta Rede entre o primeiro semestre de 2011 e o primeiro semestre de 2013;

- d) Detectar as percepções que estes estudantes obtiveram através do contato com o processo de informatização desta Rede.

Para tanto, solicito a sua colaboração no sentido de participação na entrevista que será gravada em áudio. Ao ser tratado o material, será eliminada qualquer identificação individual, de modo que suas informações ficarão anônimas.

Sua participação é voluntária e não sofrerá qualquer tipo de prejuízo caso se recuse a participar desta pesquisa.

Agradeço a sua atenção e coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Eu _____ concordo em participar da pesquisa acima referida:

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

Florianópolis, ____ de _____ de 2013.

APÊNDICE B – Roteiro da Entrevista

- 1) De acordo com o seu aprendizado no curso de graduação, qual a sua opinião quanto ao processo de implementação do sistema informatizado nas bibliotecas da rede municipal de educação de Florianópolis?

- 2) Qual sua opinião quanto às condições em que vem se dando esta implementação (máquinas utilizadas, profissionais disponíveis, tempo destinado ao processo)?

- 3) Qual o nível de importância dado pela Central de Bibliotecas ao processo de informatização e quais os prejuízos e benefícios decorrentes deste para o mesmo?

- 4) Em sua opinião o que falta ser feito no processo de informatização das bibliotecas escolares pela Chefia da Rede?

- 5) Que contribuição esse processo de informação traz para a formação profissional do estagiário de biblioteconomia?

- 6) Considerando o que já foi perguntado nas questões anteriores que algo a mais você gostaria de dizer?

APÊNDICE C – Transcrição das entrevistas na íntegra

ENTREVISTADO (A) A

De acordo com o seu aprendizado no curso de graduação, qual a sua opinião quanto ao processo de implementação do sistema informatizado nas bibliotecas da rede municipal de educação de Florianópolis?

A: Bom a biblioteca que eu trabalhei não é uma biblioteca central né, tipo o Pergamum de lá é bem mais simples, mas eu achei bem eficiente. Apesar de faltar uma padronização entre as bibliotecas, eu acho, uma padronização e normatização de palavras chaves e indexação pq um faz de um jeito e outro de outro e acaba tendo uma colisão. Se houvesse uma política de indexação no Pergamum acho que seria mais interessante.

Qual sua opinião quanto às condições em que vem se dando esta implementação (máquinas utilizadas, profissionais disponíveis, tempo destinado ao processo)?

A: Bom, as máquinas deixam muito a desejar; eu tinha só um computador novo que no começo era só meu e depois eu tive que partilhar com o bibliotecário novo, ele não queria fazer a informatização, mas voltando ao assunto eu acho que as máquinas poderiam ser muito melhores, chegou um computador novo, mas o processador não era aquilo tudo, eu acho que pro serviço ter um pouco mais de qualidade o computador tem que ser melhor; a configuração da CPU. Os profissionais disponíveis, nas bibliotecas em que trabalhei havia apenas eu para informatizar; tanto numa escola quanto na outra não havia bibliotecário, nas duas o bibliotecário estava afastado. O atendimento era feito por profissionais readaptados, que cuidavam da biblioteca, mas não auxiliavam na informatização. Eu auxiliava no atendimento aos alunos e nas rotinas da biblioteca porque elas não eram da área. Na outra biblioteca fiquei sozinha no período da tarde e precisava informatizar e fazer o atendimento aos usuários.

Qual o nível de importância dado pela Central de Bibliotecas ao processo de informatização e quais os prejuízo e benefícios decorrentes deste para o mesmo?

A: A chefe das centrais era bem atenciosa para a parte da informatização, se tivesse uma duvida era só ligar pra ela que ela esclarecia, na primeira biblioteca que estagiei

eu não tinha impressora e de 15 em 15 dias eu precisava ir à central imprimir e o trabalho andava bem devagar; eu tinha muito mais contato com a chefia e a gente interagia bastante e estava sempre em contato, na outra escola eu tinha uma impressora a laser então eu mal tinha contato, só por telefone e quando eu tinha uma dúvida muito grande.

Em sua opinião o que falta ser feito no processo de informatização das bibliotecas escolares pela Chefia da Rede?

A: Atualmente, o principal é mudar a própria chefia porque agora foi assumida por uma pessoa que não é da área. Botar uma chefia que não é da biblioteconomia numa rede de bibliotecas é o fim, quem cuida agora da biblioteca é formada em artes ou algo parecido, mas o que ela pode batalhar pela biblioteca se ela não tem formação na área? Acho que isso só pode prejudicar o que já foi conquistado. E resolver a falta de padrão na catalogação e indexação, porque não existe um treinamento para todos ou uma política para padronizar, cada um vai fazendo como acredita que esteja correto, o que nem sempre era correto ou colidia com o registro de outra biblioteca. Caso eu encontrasse um livro catalogado ou indexado de maneira diferente existe toda uma burocracia para corrigir o problema, precisa entrar em contato com a central para que esta possa entrar em contato com a biblioteca que está com o problema no registro da obra e solicite a alteração do registro.

Que contribuição esse processo de informação traz para a formação profissional do estagiário de biblioteconomia?

A: Nossa, pra mim, me fez crescer muito como estudante, me aprimorou tudo que eu tinha aprendido até então. Fiquei muito mais atenta a tudo que havia aprendido, principalmente nas matérias relacionadas, mas também nas outras. Aprendi não só a lidar com a parte técnica, que é a minha favorita, mas também a lidar com o público dentro de uma biblioteca. Minhas notas melhoraram consideravelmente nas disciplinas que cursei depois da experiência e acredito que estou me formando com um olhar mais de bibliotecária do que de estudante.

Considerando o que já foi perguntado nas questões anteriores que algo a mais você gostaria de dizer?

A: Na realidade acho que todas as minhas opiniões já foram bem expostas, não sei se teria algo a mais para falar.

ENTREVISTADO (A) B

De acordo com o seu aprendizado no curso de graduação, qual a sua opinião quanto ao processo de implementação do sistema informatizado nas bibliotecas da rede municipal de educação de Florianópolis?

B: Eu acho interessante porque é uma forma de gerenciar a informação e recuperar as informações de uma forma rápida e otimizada, e o processo tá sendo eficiente em partes, existem pessoas para dar treinamento e a inserção é bastante simples. Falta uma melhoria na internet, porque o Pergamum depende diretamente da internet, e algumas padronizações entre as bibliotecas.

Qual sua opinião quanto às condições em que vem se dando esta implementação (máquinas utilizadas, profissionais disponíveis, tempo destinado ao processo)?

B: É uma máquina só para o processo e não tem uma máquina para os alunos pesquisarem, a rede de internet é de péssima qualidade e muitas vezes o processo precisa ser interrompido porque a escola utiliza a mesma rede e a conexão fica baixa, profissionais tem o bibliotecário, no meu caso não tinha bibliotecário no momento, existia uma auxiliar que era da cozinha e foi readaptada, mas trabalhava há oito anos, ela era a bibliotecária e eu só fazia o processo de informatização, era só isso, ficava fazendo o dia todo e não tinha interrupção, só quando alguém precisava usar a máquina, então o tempo destinado era bom, 100%.

Qual o nível de importância dado pela Central de Bibliotecas ao processo de informatização e quais os prejuízos e benefícios decorrentes deste para o mesmo?

B: Na maior parte do processo a Central de Bibliotecas foi bem acessível, a coordenadora sempre me auxiliou muito e me deu bastante suporte, o que demonstrava interesse pelo processo. Os benefícios foram a questão do suporte mesmo, sempre que haviam dúvidas ela se prontificava a explicar e resolver de alguma forma. No final trocou a gestão mas eu não precisava de ajuda pois o processo já estava mais avançado e não surgiam tantas dúvidas, então não houve contato.

Em sua opinião o que falta ser feito no processo de informatização das bibliotecas escolares pela Chefia da Rede?

B: Um manual de procedimentos detalhado, porque as informações eram centradas numa pessoa só, ela que passava tudo, não tinha um manual registrado que fosse

comum a todas as bibliotecas, e não existia uma padronização de indexação e catalogação. Acho que isso deveria ser levado em consideração, para que o processo fosse mais uniforme.

Que contribuição esse processo de informação traz para a formação profissional do estagiário de biblioteconomia?

B: Então, participar foi uma junção de várias disciplinas que a gente viu na faculdade, desde classificação e catalogação até a parte de informatização, então é uma forma de você colocar em prática o que foi aprendido na faculdade, o que é de extrema importância. Eu recebi treinamento durante um mês para poder inserir o material no Pergamum e acho que isso é um diferencial em relação a outros estudantes que estão se formando, pois nem todos que concluem o curso chegam a trabalhar com o software.

Considerando o que já foi perguntado nas questões anteriores que algo a mais você gostaria de dizer?

B: Acho que era mais ou menos isso, na biblioteca que eu trabalhei grande parte foi informatizada, e era interessante porque na sexta feira a biblioteca fechava à\s sextas feiras para os procedimentos técnicos, existiam estudantes auxiliares que ajudavam nos procedimentos na escola e, conseqüentemente, na biblioteca então elas me ajudavam a colar as etiquetas e tornavam o processo mais rápido.

ENTREVISTADO (A) C

De acordo com o seu aprendizado no curso de graduação, qual a sua opinião quanto ao processo de implementação do sistema informatizado nas bibliotecas da rede municipal de educação de Florianópolis?

C: Bom, de acordo né, com o que a gente vê no curso e também de acordo com a sociedade que a gente tá vivendo, a informação hoje, sempre é e sempre foi essencial, quem detém informação detém poder. Dentro das bibliotecas do município, eu vejo que como eu estou estagiando, eu vejo que o processo está muito lento, eu vejo que há uma necessidade, mas o processo é muito lento. Na biblioteca que eu estagiei no semestre passado estava caminhando a passo de lesma, vamos dizer assim, e na biblioteca atual nem tampouco tem computador ou internet, tudo bem que foi feita uma migração para um prédio novo, mas mesmo assim, se tratando de terem feito um prédio novo, com espaço para abrigar um grupo de alunos bem maior do que o anterior e pensando justamente no futuro, sabendo da importância que a internet tem hoje, eles ficaram a

desejar nesse projeto. Não existe garantia que será implantada internet até o fim do ano. Para o ano que vem se tem esperança de que tenha um computador na biblioteca e internet na escola, mas até lá o trabalho de informatização fica a desejar, por que é um serviço que se torna ineficiente.

Qual sua opinião quanto às condições em que vem se dando esta implementação (máquinas utilizadas, profissionais disponíveis, tempo destinado ao processo)?

C: Bom, eu digo pela experiência que eu tive no semestre anterior e no deste semestre, as máquinas nós ainda não temos, o computador necessário para a automação, e profissionais na Rede, tem ainda biblioteca que o profissional nem é formado na área, é professor readaptado que não tem conhecimento da nossa área, e quando tem profissional é apenas um, às vezes é uma escola de porte grande e o profissional não pode dar conta disso porque tem o empréstimo, tem as questões de projetos da escola, tem muita coisa pra fazer e as vezes o bibliotecário não dá conta de tudo, não podendo priorizar a informatização, e o tempo pra isso é mínimo.

Qual o nível de importância dado pela Central de Bibliotecas ao processo de informatização e quais os prejuízo e benefícios decorrentes deste para o mesmo?

C: Então, pelo que eu sei que as bibliotecárias me falam que elas tem um encontro mensal justamente na central das bibliotecas, há uma preocupação muito grande com a informatização do acervo, só que tem todos estes problemas por trás. A preocupação existe, eles são orientados pra informatizar, mas o que acontece são essas questões que estão por trás e na pratica a coisa funciona diferente né, então isso vai acarretar em prejuízo porque a informação não vai ser dada de forma ágil, o bibliotecário terá que ir até a estante, procurar entre os livros, enfim é demorado, um processo demorado, não tendo um acervo informatizado. Eu não vejo benefícios, nos dias de hoje eu não vejo benefícios no processo.

Em sua opinião o que falta ser feito no processo de informatização das bibliotecas escolares pela Chefia da Rede?

C: Olha o que falta ser feito, contratação de muitos profissionais, em muitas bibliotecas não existem nem profissionais da área. Às vezes uma escola muito grande comporta tantos alunos que o bibliotecário tem tanta coisa pra fazer e não dá tempo às vezes, e também a questão do material para trabalho, como o computador que é a peça chave. Tem que ter uma integração melhor entre todos os profissionais, diretor, professores, bibliotecário, central de bibliotecas, todos juntos para que as coisas funcionem Outra questão muito importante é uma padronização do serviço de dentro para fora, que treine todos os profissionais envolvidos a seguir um único caminho, para que as

informações não se atravessam, para que o acervo não seja registrado de uma maneira num local e de outra em outro local.

Que contribuição esse processo de informação traz para a formação profissional do estagiário de biblioteconomia?

C: É aprendizado para o futuro, porque é a tendência, não tem como voltar pra trás, daqui pra frente vai ser tecnologia, tudo informatizado, e ainda tem novas normas surgindo, e tudo em direção pra informatização. Então, passar por uma experiência dessas é um crescimento, um desenvolvimento a mais, estar mais adaptado, habilitado, quando se formar. É botar em prática tudo o que nos foi ensinado e nos parecia tão distante, poder concluir uma graduação com a experiência total de um processo de informatização, com seus problemas, com seus empecilhos e com suas batalhas.

Considerando o que já foi perguntado nas questões anteriores que algo a mais você gostaria de dizer?

C: Não, penso que não. A Rede municipal usa o sistema Pergamum, é usado pela universidade também, fator que demonstra o interesse de se fazer uma boa informatização, pois é o software de excelência na área. O que eu tinha pra falar acho que já falei.

ENTREVISTADO (A) D

De acordo com o seu aprendizado no curso de graduação, qual a sua opinião quanto ao processo de implementação do sistema informatizado nas bibliotecas da rede municipal de educação de Florianópolis?

D: Assim, quando eu trabalhei na biblioteca central o processo estava quase que completamente concluído, mas depois quando eu passei pra outra biblioteca, o processo não havia nem sido iniciado e eu não tinha nem computador e nem impressora, mas consegui solicitando com a biblioteca central. Acho que as condições em alguns lugares são muito mais precárias que nos outros e nesse ponto deveria ser algo mais uniforme, porque pelo que conversei com outra menina ela não conseguiu nem computador e nem impressora pra escola dela.

Qual sua opinião quanto às condições em que vem se dando esta implementação (máquinas utilizadas, profissionais disponíveis, tempo destinado ao processo)?

D: Bom, máquinas no começo não existiam, nem computador e nem impressora, mas aí eu solicitei para a central e foi atendido. Veio uma máquina que aparentava ser ótima, mas a configuração não era tão boa assim. Quanto aos profissionais tinha uma bibliotecária na biblioteca em que estagiei, mas ela era meio contrária à informatização então não dava muita atenção. Tentei participar de alguns cursos oferecidos pela central para aperfeiçoar o processo, mas não me permitiram, então ficava meio dependente do que eu havia aprendido na faculdade e o que me foi passado quando entrei na prefeitura. O tempo destinado não era muito, tanto que não foi feito muito do processo.

Qual o nível de importância dado pela Central de Bibliotecas ao processo de informatização e quais os prejuízos e benefícios decorrentes deste para o mesmo?

D: Acho que existe o interesse por parte da chefia sim, senão o processo nem teria sido iniciado, mas as coisas fogem do controle. Não é simplesmente falar 'vamos informatizar', é oferecer recursos compatíveis, disponibilizar profissionais com tempo livre para poder se dedicar ao processo e tudo mais. Então, o interesse existe, mas não é levado a cabo.

Em sua opinião o que falta ser feito no processo de informatização das bibliotecas escolares pela Chefia da Rede?

D: Bom, primeiramente garantir que todas as bibliotecas passem pelo mesmo processo e ao mesmo tempo seria algo essencial. O que eu vi é que em algumas bibliotecas o processo estava quase concluído e em outras nem havia se começado. Se o processo iniciou em 2007, como você falou, estamos praticamente em 2014 e nem 50% das escolas foi informatizada ainda. Acho que falta muito mais atenção para este processo, falta batalhar mais pelo espaço dele, pelos recursos necessários para que ele se concretize.

Que contribuição esse processo de informação traz para a formação profissional do estagiário de biblioteconomia?

D: Mesmo com tantos problemas por onde passei, o estágio foi a melhor maneira que tive de entender como funciona a rotina de um bibliotecário. Todas as dúvidas, os trancos e barrancos, tudo que acontece de verdade na rotina de uma biblioteca, não é fácil, mas acho que estou mais ciente do que me espera e tenho mais condições de

tomar decisões frente a diversos problemas. É um aprendizado que não dá nem pra medir; é a prática total da profissão que venho estudando há quase 4 anos. Com certeza vou me formar com um “quê” a mais do que os outros que não tiveram a mesma oportunidade.

Considerando o que já foi perguntado nas questões anteriores que algo a mais você gostaria de dizer?

D: *É, acho que foi tudo perguntado, todas as minhas opiniões, não teria muita coisa a mais para falar.*

APÊNDICE D – Discursos obtidos e seu tratamento

Questão 1

De acordo com o seu aprendizado no curso de graduação, qual a sua opinião quanto ao processo de implementação do sistema informatizado nas bibliotecas da rede municipal de educação de Florianópolis?

IAD 1

| EXPRESSÕES-CHAVE | IDÉIAS CENTRAIS | ANCORAGEM |
|--|--|-------------------------------|
| Bom a biblioteca que eu trabalhei não é uma biblioteca central né, tipo o Pergamum de lá é bem mais simples, <i>mas eu achei bem eficiente. Apesar de faltar uma padronização entre as bibliotecas</i> , eu acho, uma padronização e normatização de palavras chaves e indexação pq um faz de um jeito e outro de outro e acaba tendo uma colisão. Se houvesse uma política de indexação no Pergamum acho que seria mais interessante. | (1ª idéia) É eficiente, apesar da falta de padronização no processo. | |
| <u>Eu acho interessante porque é uma forma de gerenciar a informação e recuperar as informações de uma forma rápida e otimizada</u> , e <i>o processo ta sendo eficiente em partes</i> , existem pessoas para dar treinamento e a inserção é bastante simples. Falta uma melhoria na internet, porque o Pergamum depende diretamente da internet, e algumas padronizações entre as bibliotecas. | (1ª idéia) O processo é eficiente em partes. | Crença na tecnologia |
| Bom, de acordo né com o que a gente vê no curso e também <u>de acordo com a sociedade que a gente ta vivendo, a informação hoje, sempre é e sempre foi essencial, quem detem informação detem poder.</u> Dentro das bibliotecas do município, eu vejo que como eu estou estagiando, eu vejo <i>que o processo está muito lento</i> , eu vejo que há uma necessidade, mas o processo é | (1ª idéia) O processo está muito lento. | Crença no poder da informação |

| | | |
|--|--|--|
| <p>muito lento. Na biblioteca que eu estagiei no semestre passado estava <i>caminhando a passo de lesma</i>, vamos dizer assim, e na biblioteca atual nem tampouco tem computador ou internet, tudo bem que foi feita uma migração para um prédio novo, mas mesmo assim, se tratando de terem feito um prédio novo, com espaço para abrigar um grupo de alunos bem maior do que o anterior e pensando justamente no futuro, sabendo da importância que a internet tem hoje, eles ficaram a desejar nesse projeto. Não existe garantia que será implantada internet até o fim do ano. Para o ano que vem se tem esperança de que tenha um computador na biblioteca e internet na escola, mas até lá o trabalho de informatização fica a desejar, por que é um serviço que se torna ineficiente.</p> | | |
| <p>Assim, quando eu trabalhei na biblioteca central o processo estava quase que completamente concluído, mas depois quando eu passei pra outra biblioteca, o processo não havia nem sido iniciado e eu não tinha nem computador e nem impressora, mas consegui solicitando com a biblioteca central. <i>Acho que as condições em alguns lugares são muito mais precárias que nos outros e nesse ponto deveria ser algo mais uniforme</i>, porque pelo que conversei com outra menina ela não conseguiu nem computador e nem impressora pra escola dela.</p> | <p>(1ª idéia) As condições em alguns lugares são mais precárias que em outros.</p> | |

IAD 2

A - Eficiente em partes

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|---|---|
| <p>1 - <i>Eu achei bem eficiente, apesar de faltar uma padronização entre as bibliotecas.</i></p> <p>1 - <i>O processo tá sendo eficiente em partes.</i></p> <p>2 - <i>O processo está muito lento</i></p> <p>3 - <i>As condições em alguns lugares são muito mais precárias que nos outros e nesse ponto</i></p> | <p>Achei bem eficiente, apesar de faltar uma padronização entre as bibliotecas, pois as condições em alguns lugares são muito mais precárias do que nos outros. O processo está sendo eficiente em partes, em algumas bibliotecas está muito lento.</p> |

| | |
|---------------------------------------|--|
| <i>deveria ser algo mais uniforme</i> | |
|---------------------------------------|--|

B – O processo de informatização agiliza a informação.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|---|---|
| <p><i>1 - Eu acho interessante porque é uma forma de gerenciar a informação e recuperar as informações de uma forma rápida e otimizada.</i></p> <p><i>2- De acordo com a sociedade que a gente ta vivendo, a informação hoje, sempre é e sempre foi essencial, quem detém informação detém poder.</i></p> | <p>Eu acho interessante porque é uma forma de gerenciar a informação e recuperar as informações de uma forma rápida e otimizada, e de acordo com a sociedade em que a gente ta vivendo, a informação hoje, sempre é e sempre foi essencial, quem detém informação detém poder.</p> |

Questão 2

Qual sua opinião quanto às condições em que vem se dando esta implementação (máquinas utilizadas, profissionais disponíveis, tempo destinado ao processo)?

IAD 1

| EXPRESSÕES-CHAVE | IDÉIAS CENTRAIS | ANCORAGEM |
|---|---|-----------|
| <p>Bom, <i>as máquinas deixam muito a desejar</i>, eu tinha só um computador novo que no começo era só meu e depois eu tive que partilhar com o bibliotecário novo, ele não queria fazer a informatização, mas voltando ao assunto eu acho que <i>as máquinas poderiam ser muito melhores</i>, chegou um computador novo, mas o processador não era aquilo tudo, eu acho que pro serviço ter um pouco mais de qualidade o computador tem que ser melhor, a configuração da CPU. Os profissionais disponíveis, nas bibliotecas em que trabalhei havia apenas eu para informatizar, tanto numa escola quanto na outra não havia bibliotecário, nas duas <i>o bibliotecário estava afastado. O atendimento era feito por profissionais readaptados</i>, que cuidavam da biblioteca, mas não auxiliavam na informatização. Eu auxiliava no atendimento aos alunos e nas rotinas da biblioteca porque elas não eram da área. <i>Na</i></p> | <p>(1ª idéia) As máquinas deixam a desejar e poderiam ser melhores.</p> <p>(2ª idéia) O atendimento é feito por profissionais readaptados devido à ausência de bibliotecário.</p> <p>(3ª idéia) Devido à falta de profissionais, o tempo é dividido entre o processo e o atendimento da biblioteca.</p> | |

| | | |
|--|--|--|
| <p><i>outra biblioteca fiquei sozinha no período da tarde e precisava informatizar e fazer o atendimento aos usuários.</i></p> | | |
| <p><i>É uma máquina só para o processo e não tem uma máquina para os alunos pesquisarem, a rede de internet é de péssima qualidade e muitas vezes o processo precisa ser interrompido porque a escola utiliza a mesma rede e a conexão fica baixa, profissionais tem o bibliotecário, no meu caso não tinha bibliotecário no momento, existia uma auxiliar que era da cozinha e foi readaptada, mas trabalhava há oito anos, ela era a bibliotecária e eu só fazia o processo de informatização, era só isso, ficava fazendo o dia todo e não tinha interrupção, só quando alguém precisava usar a máquina, então o tempo destinado era bom, 100%.</i></p> | <p>(1ª idéia) Apenas uma máquina para todos os processos técnicos da biblioteca, não existe máquina para os estudantes, internet de má qualidade.</p> <p>(2ª idéia) Profissionais readaptados na ausência de bibliotecário.</p> <p>(3ª idéia) Tempo destinado do estagiário era de 100%.</p> | |
| <p>Bom, eu digo pela experiência que eu tive no semestre anterior e no deste semestre, <i>as máquinas nós ainda não temos</i>, o computador necessário para a automação, e profissionais na Rede, tem ainda biblioteca <u>que o profissional nem é formado na área, é professor readaptado que não tem conhecimento da nossa área</u>, e quando tem profissional é apenas um e às vezes é uma escola de porte grande e o profissional não pode dar conta disso porque tem o empréstimo, tem as questões de projetos da escola, <i>tem muita coisa pra fazer e às vezes o bibliotecário não dá conta de tudo</i>, não podendo priorizar a informatização, e <i>o tempo pra isso é mínimo.</i></p> | <p>(1ª idéia) Não existe computador na escola nova. Profissional readaptado na ausência de bibliotecário.</p> <p>(2ª idéia) Muita demanda de serviço para apenas um profissional, tornando o tempo para a informatização mínimo.</p> | <p>Profissional de outra área não tem conhecimento da área de biblioteconomia.</p> |
| <p>Bom, <i>máquinas no começo não existiam</i>, nem computador e nem impressora, mas aí eu solicitei para a central e foi atendido. <i>Veio uma máquina que aparentava ser ótima, mas a configuração não era tão boa</i> assim. Quanto aos profissionais <i>tinha uma bibliotecária</i> na biblioteca em que estagiei, <i>mas ela era meio contrária à informatização então</i></p> | <p>(1ª idéia) Não haviam máquinas no início, mas depois foi encaminhada uma máquina com uma qualidade média.</p> <p>(2ª idéia) Havia um bibliotecário, contrário à informatização, que destinava pouco tempo ao</p> | |

| | | |
|--|------------------|--|
| <p><i>não dava muita atenção.</i> Tentei participar de alguns cursos oferecidos pela central para aperfeiçoar o processo, mas não me permitiram, então ficava meio dependente do que eu havia aprendido na faculdade e o que me foi passado quando entrei na prefeitura. <i>O tempo destinado não era muito</i>, tanto que não foi feito muito do processo.</p> | <p>processo.</p> | |
|--|------------------|--|

IAD 2

A – As máquinas e a Internet deixam a desejar.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|--|---|
| <p>1 - <i>As máquinas deixam muito a desejar</i> 2 - <i>É uma máquina só para o processo e não tem uma máquina para os alunos pesquisarem, a rede de internet é de péssima qualidade</i> 3 - <i>As máquinas nós ainda não temos</i> 4 - <i>Máquinas no começo não existiam, veio uma máquina que aparentava ser ótima, mas a configuração não era tão boa</i></p> | <p>As máquinas deixam muito a desejar, geralmente é uma máquina só para o processo e não existem máquinas para os alunos pesquisarem. Existem escolas que não possuem máquinas ainda, e outras receberam máquinas mediante solicitação mas não eram máquinas muito boas. A rede de Internet é de péssima qualidade.</p> |

B – O bibliotecário era contrário ao processo.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|---|--|
| <p>1 - <i>Tinha uma bibliotecária na biblioteca em que estagiei, mas ela era meio contrária à informatização então não dava muita atenção</i></p> | <p>Tinha uma bibliotecária, mas ela era meio contrária à informatização então não dava muita atenção pro processo.</p> |

C – O tempo destinado ao processo varia entre as bibliotecas.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|---|--|
| <p>1 - <i>Na outra biblioteca fiquei sozinha no período da tarde e precisava informatizar e fazer o atendimento aos usuários.</i> 3 - <i>Eu só fazia o processo de informatização, era só isso, ficava fazendo o dia todo e não tinha interrupção, só quando alguém precisava usar a máquina, então o tempo destinado era bom, 100%.</i> 2 - <i>tem muita coisa pra fazer e às vezes o bibliotecário não dá conta de tudo, não podendo priorizar a informatização, e o tempo pra isso é</i></p> | <p>Fiquei sozinha em uma das bibliotecas no período da tarde, então precisava informatizar e fazer o atendimento aos usuários, tem muita coisa pra fazer e às vezes o bibliotecário não dá conta de tudo, não podendo priorizar a informatização, então o tempo para isso fica mínimo. Entretanto, em outras bibliotecas o estagiários só fazia o processo de informatização, era só isso, ficava fazendo o dia todo e não interrupção, só quando alguém precisava usar a máquina, neste caso o tempo destinado era bom, 100%.</p> |

| | |
|----------------|--|
| <i>mínimo.</i> | |
|----------------|--|

D – Boa parte dos profissionais não são da área.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|--|--|
| <i>1 - Que o profissional nem é formado na área, é professor readaptado que não tem conhecimento da nossa área</i> | O profissional que assume a biblioteca em grande parte das vezes não é formado na área, é readaptado e não possui conhecimento na área. |

Questão 3

Qual o nível de importância dado pela Central de Bibliotecas ao processo de informatização e quais os prejuízos e benefícios decorrentes deste para o mesmo?

IAD 1

| EXPRESSÕES-CHAVE | IDÉIAS CENTRAIS | ANCORAGEM |
|--|--|-----------|
| <i>A chefia das bibliotecas era bem atenciosa para a parte da informatização.</i> se tivesse uma dúvida era só ligar pra ela que ela esclarecia, na primeira biblioteca que estagiei eu não tinha impressora e de 15 em 15 dias eu precisava ir à central imprimir e o trabalho andava bem devagar, eu tinha muito mais contato com a chefia e a gente interagia bastante e estava sempre em contato, na outra escola eu tinha uma impressora a laser então eu mal tinha contato, só por telefone e quando eu tinha uma dúvida muito grande. | (1ª idéia) Chefia atenciosa para a informatização | |
| Na maior parte do processo <i>a Central de Bibliotecas foi bem acessível, a coordenadora sempre me auxiliou</i> muito e me deu bastante suporte, o que demonstrava interesse pelo processo. <i>Os benefícios foram a questão do suporte mesmo</i> , sempre que haviam dúvidas ela se prontificava a explicar e resolver da alguma forma. No final trocou a gestão, mas eu não precisava de ajuda, pois o processo já estava mais avançado e não surgiam | (1ª idéia) Central de Bibliotecas acessível, auxiliou nas dúvidas e o este suporte é um benefício para o processo. | |

| | | |
|--|--|--|
| tantas dúvidas, então não houve contato. | | |
| <p>Então, pelo que eu sei que as bibliotecárias me falam que elas tem um encontro mensal justamente na central das bibliotecas, <i>há uma preocupação muito grande com a informatização do acervo, só que tem todos estes problemas por trás.</i> A preocupação existe, eles são orientados pra informatizar, mas o que acontece são essas questões que estão por trás e <u>na prática a coisa funciona diferente né? Então isso vai acarretar em prejuízo porque a informação não vai ser dada de forma ágil</u>, o bibliotecário terá que ir até a estante, procurar entre os livros, enfim é demorado, um processo demorado, não tendo um acervo informatizado. <i>Eu não vejo benefícios, nos dias de hoje eu não vejo benefícios no processo.</i></p> | <p>(1ª idéia) Existe a preocupação, mas existem problemas. Estes problemas acarretam prejuízos na agilidade do processo.</p> <p>(2ª idéia) A lentidão do processo impede o entrevistado de enxergar benefícios no mesmo.</p> | Reconhecimento da distinção entre teoria e prática |
| <p>Acho que <i>existe o interesse por parte da chefia sim</i>, senão o processo nem teria sido iniciado, <u>mas as coisas fogem do controle. Não é simplesmente falar ‘vamos informatizar’</u>, é oferecer recursos compatíveis, disponibilizar profissionais com tempo livre para poder se dedicar ao processo e tudo mais. <u>Então, o interesse existe mas não é levado à cabo.</u></p> | (1ª idéia) Existe o interesse. | Reconhecimento da distinção entre pensar e agir |

IAD 2

A – Existe um interesse, mas existem problemas.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|--|---|
| <p>1 - <i>A chefia das bibliotecas era bem atenciosa para a parte da informatização.</i></p> <p>2 - <i>Na maior parte do processo a Central de Bibliotecas foi bem acessível, a coordenadora sempre me auxiliou, os benefícios foram a questão do suporte mesmo</i></p> <p>3 - <i>Acho que existe o interesse por parte da chefia sim.</i></p> <p>4 - <i>Há uma preocupação muito grande com a</i></p> | <p>Acho que existe o interesse por parte das chefias sim, a chefia era bem atenciosa para a parte da informatização. Na maior parte do processo a Central de Bibliotecas foi bem acessível, a coordenadora sempre me auxiliou, e os benefícios decorrentes disto foi a questão do suporte mesmo. Há uma preocupação muito grande, só que tem todos os problemas por trás.</p> |

| | |
|---|--|
| <i>informatização do acervo, só que tem todos estes problemas por trás.</i> | |
|---|--|

B – Na prática as coisas diferem da teoria.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|---|---|
| <p>1 - <i>Na prática a coisa funciona diferente né?</i></p> <p>2 - <i>Mas as coisas fogem do controle. Não é simplesmente falar 'vamos informatizar' Então, o interesse existe mas não é levado à cabo.</i></p> | <p>Mas as coisas fogem do controle, não é simplesmente falar “vamos informatizar”, o interesse não levado “à cabo”. Na prática a coisa funciona diferente né?</p> |

D – Estes problemas acarretam em prejuízos para o processo.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|---|--|
| <p>1 - <i>Não vejo benefícios, nos dias de hoje eu não vejo benefícios no processo.</i></p> | <p>Não vejo benefícios, no dia de hoje eu não vejo benefícios no processo.</p> |

Questão 4

Em sua opinião o que falta ser feito no processo de informatização das bibliotecas escolares pela Chefia da Rede?

IAD 1

| EXPRESSÕES-CHAVE | IDÉIAS CENTRAIS | ANCORAGEM |
|--|--|---|
| <p>Atualmente, o principal é <i>mudar a própria chefia porque agora foi assumida por uma pessoa que não é da área</i>. <u>Botar uma chefia que não é da biblioteconomia numa rede de bibliotecas é o fim, quem cuida agora da biblioteca é formada em artes ou algo parecido, mas o que ela pode batalhar pela biblioteca se ela não tem formação na área? Acho que isso só pode prejudicar o que já foi conquistado. E resolver a falta de padrão na catalogação e indexação</u>, porque não existe um treinamento para todos ou uma política para padronizar, cada um vai fazendo como acredita que esteja correto, o que nem sempre era correto ou colidia com o registro de outra biblioteca. Caso eu encontrasse um</p> | <p>(1ª idéia) Nomear alguém da área para assumir a Chefia, pois foi assumida por alguém de outra área.</p> <p>(2ª idéia) Resolver o problema de padronização na catalogação e indexação do acervo.</p> | <p>Crençano valor da titulação acadêmica</p> |

| | | |
|---|--|---|
| <p>livro catalogado ou indexado de maneira diferente existe toda uma burocracia para corrigir o problema, precisa entrar em contato com a central para que esta possa entrar em contato com a biblioteca que está com o problema no registro da obra e solicite a alteração do registro.</p> | | |
| <p><i>Um manual de procedimentos detalhado, porque as informações eram centradas numa pessoa só</i>, ela que passava tudo, não tinha um manual registrado que fosse comum a todas as bibliotecas, e não existia <i>uma padronização de indexação e catalogação</i>. Acho que isso deveria ser levado em consideração, para que o processo fosse mais uniforme.</p> | <p>(1ª idéia) Elabora manual de procedimentos para que as informações não fiquem centradas em uma pessoas.</p> <p>(2ª idéia) Padronização de indexação e catalogação.</p> | |
| <p>Olha o que falta ser feito, <i>contratação de muitos profissionais, em muitas bibliotecas não existem nem profissionais da área. Às vezes uma escola muito grande comporta tantos alunos que o bibliotecário tem tanta coisa pra fazer e não dá tempo</i> às vezes, e também a questão do material para trabalho, como o computador que é a peça chave. Tem que ter uma integração melhor entre todos os profissionais, diretor, professores, bibliotecário, central de bibliotecas, <u>todos juntos para que as coisas funcionem</u>. Outra questão muito importante é uma <i>padronização do serviço</i> de dentro para fora, que treine todos os profissionais envolvidos a seguir um único caminho, para que as informações não se atravessem, para que o acervo não seja registrado de uma maneira num local e de outra em outro local.</p> | <p>(1ª idéia) Contratação de mais profissionais, pois muitas bibliotecas não possuem profissional da área.</p> <p>(2ª idéia) Padronização do serviço.</p> | <p>Crença em parâmetros ou condições ideais de trabalho</p> <p>Idealização de ação coletiva</p> |
| <p>Bom, primeiramente <i>garantir que todas as bibliotecas passem pelo mesmo processo e ao mesmo tempo</i> seria algo essencial. O que eu vi é que em algumas bibliotecas o processo estava quase concluído e em outras nem havia se começado. Se o processo iniciou em 2007, como você falou, estamos praticamente em 2014 e</p> | <p>(1ª idéia) Garantir o mesmo processo para todas as bibliotecas, de modo que nenhuma fique para trás.</p> <p>(2ª idéia) Atenção para o processo, batalhar pelos recursos necessários</p> | |

| | | |
|--|------------------------------|--|
| nem 50% das escolas foi informatizada ainda. Acho que <i>falta muito mais atenção para este processo, falta batalhar mais pelo espaço dele, pelos recursos necessários para que ele se concretize.</i> | para que este se concretize. | |
|--|------------------------------|--|

IAD 2

A – Chefia da área.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|--|---|
| <p><i>1 - Atualmente, o principal é mudar a própria chefia porque agora foi assumida por uma pessoa que não é da área</i></p> <p><i>2 - Botar uma chefia que não é da biblioteconomia numa rede de bibliotecas é o fim, quem cuida agora da biblioteca é formada em artes ou algo parecido, mas o que ela pode batalhar pela biblioteca se ela não tem formação na área? Acho que isso só pode prejudicar o que já foi conquistado</i></p> | <p>Atualmente a principal questão a se mudar é a própria chefia, porque agora foi assumida por uma pessoa que não é da área. Uma chefia que não é da área numa rede de bibliotecas é o fim. O que esta chefia pode batalhar pela biblioteca se não tem formação na área? Acho que isso só prejudica o que já foi conquistado.</p> |

B – Resolver a falta de padrões e elaborar manual de procedimentos.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|---|---|
| <p><i>1 - Resolver a falta de padrão na catalogação e indexação</i></p> <p><i>2- Um manual de procedimentos detalhado, porque as informações eram centradas numa pessoa só</i></p> <p><i>3- Uma padronização de indexação e catalogação</i></p> <p><i>4 - Uma padronização do serviço</i></p> | <p>Resolver a falta de padrão na catalogação e indexação e elaborar um manual de procedimentos para que as informações não fiquem centradas numa só pessoa.</p> |

C – Contratação de mais profissionais

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|--|---|
| <p><i>1 - Contratação de muitos profissionais, em muitas bibliotecas não existem nem profissionais da área</i></p> | <p>É necessária a contratação de mais profissionais da área, pois em algumas bibliotecas não existe nem um bibliotecário formado.</p> |

D – Excesso de demanda sobre um profissional.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|--|---|
| <p>1 - Às vezes uma escola muito grande comporta tantos alunos que o bibliotecário tem tanta coisa pra fazer e não dá tempo</p> <p>2 - Todos juntos para que as coisas funcionem</p> | <p>É necessário que todos trabalhem juntos para que as coisas funcionem, pois às vezes uma escola muito grande comporta tantos alunos e o bibliotecário tem tanta coisa pra fazer que não dá tempo.</p> |

E – Garantir o mesmo processo a todas as bibliotecas.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|--|--|
| <p>1 - Garantir que todas as bibliotecas passem pelo mesmo processo e ao mesmo tempo</p> | <p>É necessário garantir que todas as bibliotecas passem pelo mesmo processo e ao mesmo tempo.</p> |

F – Maior atenção às necessidades do processo.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|--|--|
| <p>1 - Falta muito mais atenção para este processo, falta batalhar mais pelo espaço dele, pelos recursos necessários para que ele se concretize.</p> | <p>Falta muito mais atenção para este processo, falta batalhar mais pelo espaço dele, pelos recursos necessários para que ele se concretize.</p> |

Questão 5

Que contribuição esse processo de informação traz para a formação profissional do estagiário de biblioteconomia?

IAD 1

| EXPRESSÕES-CHAVE | IDÉIAS CENTRAIS | ANCORAGEM |
|--|---|--|
| <p>Nossa, pra mim, <i>me fez crescer muito como estudante</i>, me aprimorou tudo que eu tinha aprendido até então. <i>Fiquei muito mais atenta a tudo que havia aprendido</i>, principalmente nas matérias relacionadas, mas também nas outras. <i>Aprendi não só a lidar com a parte técnica, que é a minha favorita, mas também a lidar com o público dentro de uma biblioteca</i>. Minhas notas melhoraram consideravelmente nas disciplinas que cursei depois da</p> | <p>(1ª idéia) Crescimento como estudante.</p> <p>(2ª idéia) Atenção a tudo que havia sido aprendido.</p> <p>(3ª idéia) Lidar tanto com a parte técnica, quanto com o público da biblioteca.</p> | <p>Valorização da experiência</p> |

| | | |
|---|--|---|
| <p>experiência e acredito que estou me formando com um olhar mais de bibliotecária do que de estudante.</p> | | |
| <p>Então, participar foi uma junção de várias disciplinas que a gente viu na faculdade, desde classificação e catalogação até a parte de informatização, então <i>é uma forma de você colocar em prática o que foi aprendido na faculdade</i>, o que é de extrema importância. Eu recebi treinamento durante um mês para poder inserir o material no Pergamum e acho que isso <i>é um diferencial</i> em relação a outros estudantes que estão se formando, pois <u>nem todos que concluem o curso chegam a trabalhar com o software.</u></p> | <p>(1ª idéia) Colocar em prática o que foi aprendido na graduação.</p> <p>(2ª idéia) Diferencial dos demais estudantes.</p> | <p>Valorização da experiência</p> |
| <p><u>É aprendido para o futuro, porque é a tendência, não tem como voltar pra trás, daqui pra frente vai ser tecnologia, tudo informatizado, e ainda tem novas normas surgindo, e tudo em direção pra informatização.</u> Então, passar por uma experiência <i>dessas é um crescimento, um desenvolvimento a mais, estar mais adaptado, habilitado, quando se formar. É botar em prática tudo o que nos foi ensinado</i> e nos parecia tão distante, poder concluir uma graduação com a experiência total de um processo de informatização, com seus problemas, com seus empecilhos e com suas batalhas.</p> | <p>(1ª idéia) Aprendizado para o futuro.</p> <p>(2ª idéia) Crescimento, desenvolvimento e uma habilitação para o futuro como profissional.</p> <p>(3ª idéia) Prática do que foi ensinado na graduação.</p> | <p>Crença no valor da tecnologia recente</p> |
| <p>Mesmo com tantos problemas por onde passei, o estágio foi a <i>melhor maneira que tive de entender como funciona a rotina de um bibliotecário</i>. Todas as dúvidas, os trancos e barrancos, tudo que acontece de verdade na rotina de uma biblioteca, não é fácil, mas acho que <i>estou mais ciente do que me espera e tenho mais condições de tomar decisões frente a diversos problemas</i>. É um aprendizado que não dá nem pra medir, é a prática total da profissão que venho estudando há quase 4 anos. <u>Com certeza vou me formar com um “quê” a mais do que os outros que</u></p> | <p>(1ª idéia) Entendimento da rotina do bibliotecário.</p> <p>(2ª idéia) Maior ciência do mercado de trabalho.</p> <p>(3ª idéia) Mais consciência para tomada de decisões.</p> | <p>Valorização da experiência</p> |

| | | |
|--|--|--|
| <u>não tiveram a mesma oportunidade.</u> | | |
|--|--|--|

IAD 2

A- Crescimento como estudante e aprendizado para o futuro.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|--|--|
| <p>1 - <i>Me fez crescer muito como estudante,</i></p> <p>2 - <i>É aprendizado para o futuro</i></p> <p>3 - <i>Um crescimento, um desenvolvimento a mais, estar mais adaptado, habilitado, quando se formar</i></p> <p>4 - <i>Aprendi não só a lidar com a parte técnica, que é a minha favorita, mas também a lidar com o publico dentro de uma biblioteca.</i></p> | <p>Me fez crescer muito como estudante e é um aprendizado para o futuro. É um crescimento, um desenvolvimento a mais, estar mais adaptado, habilitado quando se formar. Aprendi não só a lidar com a parte técnica, mas também a lidar com o publico dentro de uma biblioteca.</p> |

B- Colocar em prática o que foi aprendido.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|--|---|
| <p>1 - <i>Fiquei muito mais atenta a tudo que havia aprendido</i></p> <p>2 - <i>é uma forma de você colocar em prática o que foi aprendido na faculdade</i></p> <p>3 - <i>É botar em prática tudo o que nos foi ensinado</i></p> | <p>É uma forma de você colocar em prática o que foi aprendido na faculdade, tudo que nos foi ensinado, fiquei muito mais atenta a tudo que havia aprendido.</p> |

C- Diferencial por ter exercido o papel do bibliotecário.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|--|--|
| <p>1 - <i>Acredito que estou me formando com um olhar mais de bibliotecária do que de estudante.</i></p> <p>2 - <i>Nem todos que concluem o curso chegam a trabalhar com o software.</i></p> | <p>Nem todos que concluem o curso chegam a trabalhar com o software (Pergamum), acredito que estou me formando com um olhar mais de bibliotecária do que de estudante.</p> |

Questão 6

Considerando o que já foi perguntado nas questões anteriores que algo amais você gostaria de dizer?

IAD 1

| EXPRESSÕES-CHAVE | IDÉIAS CENTRAIS | ANCORAGEM |
|--|---|---|
| Na realidade acho que todas as <i>minhas opiniões já foram bem expostas</i> , não sei se teria algo a mais para falar. | (1ª idéia) Minhas opiniões já foram bem expostas. | |
| Acho que era mais ou menos isso, <i>na biblioteca que eu trabalhei grande parte foi informatizada, e era interessante porque na sexta-feira a biblioteca fechava na sexta-feira para os procedimentos técnicos, existiam estudantes auxiliares que ajudavam nos procedimentos na escola e, conseqüentemente, na biblioteca, então elas me ajudavam a colar as etiquetas e tornavam o processo mais rápido.</i> | (1ª idéia) A biblioteca concluiu boa parte da informatização. (2ª idéia) A biblioteca tinha uma política de fechar as portas às sextas-feiras para processos técnicos. (3ª idéia) A escola possuía um programa em que os alunos auxiliavam nas diversas tarefas da escola, inclusive na biblioteca. | |
| Não, penso que não. <i>A Rede municipal usa o sistema Pergamum</i> , é usado pela universidade também, <u>fator que demonstra o interesse de se fazer uma boa informatização, pois é o software de excelência na área.</u> O que eu tinha pra falar acho que já falei. | (1ª idéia) A Rede Municipal utiliza o sistema Pergamum. | Crença no valor da tecnologia recente Eficientismo |
| É, <i>acho que foi tudo perguntado, todas as minhas opiniões</i> , não teria muita coisa a mais para falar. | (1ª idéia) Todas as opiniões foram abordadas nas questões anteriores. | |

IAD 2

A - Já opinei o suficiente.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|--|--|
| <p>1 <i>Minhas opiniões já foram bem expostas</i></p> <p>2 <i>acho que foi tudo perguntado, todas as minhas opiniões</i></p> | Acho que foi perguntado tudo, todas as minhas opiniões já foram bem expostas. |

B – Andamento do processo.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|---|--|
| <i>1 - na biblioteca que eu trabalhei grande parte foi informatizada,</i> | Na biblioteca em que trabalhei, o processo foi quase concluído. |

C – Políticas próprias da biblioteca.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|---|---|
| <i>1 - Era interessante porque na sexta feira a biblioteca fechava às sextas feiras para os procedimentos técnicos, existiam estudantes auxiliares que ajudavam nos procedimentos na escola e, conseqüentemente, na biblioteca então elas me ajudavam a colar as etiquetas e tornavam o processo mais rápido.</i> | A biblioteca em que trabalhei possuía algumas políticas próprias, e era interessante porque na sexta feira a biblioteca fechava as portas ao público para dar ênfase aos procedimentos técnicos. Existiam também alunos que ajudavam nos procedimentos da escola e, conseqüentemente, nas rotinas da biblioteca, auxiliando em algumas partes da informatização. |

D – O sistema utilizado é o Pergamum.

| EXPRESSÕES-CHAVE | DSC |
|---|--|
| 1 - A Rede municipal usa o sistema Pergamum, 2 - fator que demonstra o interesse de se fazer uma boa informatização, pois é o software de excelência na área | A Rede Municipal utiliza o sistema Pergamum para a informatização, fator que demonstra o interesse de se fazer uma boa informatização, pois é o software de excelência na área. |